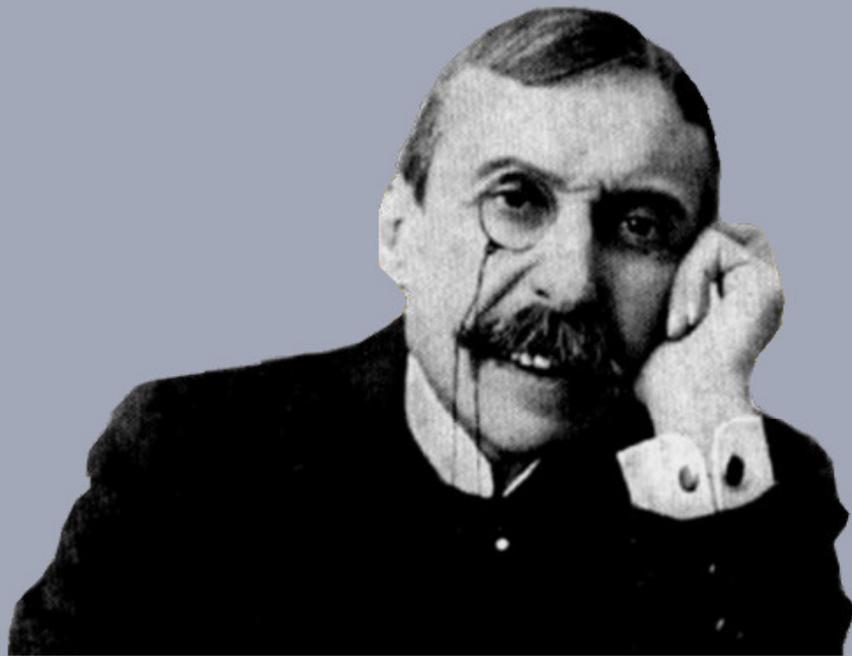


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Eça de Queirós
Santo Onofre



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Eça de Queirós

Santo Onofre

Publicado postumamente em "Últimas páginas", no ano de 1912.

**José Maria de Eça de Queirós
(1845 – 1900)**

"Projeto Livro Livre"

Livro 107



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Eça de Queirós: “*Santo Onofre*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

José Maria de Eça de Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845, numa casa da Praça do Almada na Póvoa de Varzim, no centro da cidade; foi batizado na Igreja Matriz de Vila do Conde. Filho de José Maria Teixeira de Queirós, nascido no Rio de Janeiro em 1820, e de Carolina Augusta Pereira d'Eça, nascida em Monção em 1826. O pai de Eça de Queirós, magistrado e par do reino, convivia regularmente com Camilo Castelo Branco, quando este vinha à Póvoa para se divertir no Largo do Café Chinês.

Eça de Queirós foi batizado como “filho natural de José Maria d'Almeida de Teixeira de Queirós e a mãe era Carolina Augusta Pereira de Eça”.

Uma das teses para tentar justificar o fato dos pais do escritor não se terem casado antes do nascimento deste sustenta que Carolina Augusta Pereira de Eça não teria obtido o necessário consentimento da parte de sua mãe, já viúva do coronel José Pereira de Eça. De fato, seis dias após a morte da avó que a isso se oporia, casaram-se os pais de Eça de Queirós, quando o menino tinha quase quatro anos. Eça por sua vez apresenta episódios incestuosos em criança relatados no diário de sua prima. Por via dessas contingências foi entregue a uma ama, aos cuidados de quem ficou até passar para a casa de Verdemilho em Aradas, Aveiro, a casa da sua avó paterna. Nessa altura, foi internado no Colégio da Lapa, no Porto, de onde saiu em 1861, com dezesseis anos, para a Universidade de Coimbra, onde estudou Direito. Além do escritor, os pais teriam mais seis filhos.

O pai era magistrado, formado em Direito por Coimbra. Foi juiz instrutor do célebre processo de Camilo Castelo Branco, juiz da Relação e do Supremo Tribunal de Justiça, presidente do Tribunal do Comércio, deputado por Aveiro, fidalgo cavaleiro da Casa Real, par do Reino e do Conselho de Sua Majestade. Foi ainda escritor e poeta.

Em Coimbra, Eça foi amigo de Antero de Quental. Os seus primeiros trabalhos, publicados avulso na revista "Gazeta de Portugal", foram depois coligidos em livro, publicado postumamente com o título *Prosas Bárbaras*.

Em 1866, Eça de Queirós terminou a Licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra e passou a viver em Lisboa, exercendo a advocacia e o jornalismo. Foi diretor do periódico *O Distrito de Évora* e colaborou em publicações periódicas como a *Feira da Ladra* (1929-1943), *A imprensa* (1885-1891) e *Ribaltas e gambiarras* (1881). Porém, continuaria a colaborar esporadicamente em jornais e revistas ocasionalmente durante toda a vida. Mais tarde fundaria a *Revista de Portugal*.

Em 1869 e 1870, Eça de Queirós fez uma viagem de seis semanas ao Oriente (de 23 de outubro de 1869 a 3 de janeiro de 1870), em companhia de D. Luís de Castro, 5.º conde de Resende, irmão da sua futura mulher, D. Emília de Castro, tendo assistido no Egito à inauguração do canal do Suez: os jornais do Cairo referem “Le Comte de Rezende, grand amiral de Portugal et chevalier de Queirós”. Visitaram, igualmente, a Palestina. Aproveitou as notas de viagem para alguns dos seus trabalhos, o mais notável dos quais: *O mistério da estrada de Sintra*, em 1870, e *A relíquia*, publicado em 1887. Em 1871, foi um dos participantes das chamadas Conferências do Casino.

Em 1870 ingressou na Administração Pública, sendo nomeado administrador do concelho de Leiria. Foi enquanto permaneceu nesta cidade, que Eça de Queirós escreveu a sua primeira novela realista, *O Crime do Padre Amaro*, publicada em 1875.

Tendo ingressado na carreira diplomática, em 1873 foi nomeado cônsul de Portugal em Havana. Os anos mais produtivos de sua carreira literária foram passados em Inglaterra, entre 1874 e 1878, durante os quais exerceu o cargo em Newcastle e Bristol. Escreveu então alguns dos seus trabalhos mais importantes, como *A Capital*, escrito numa prosa hábil, plena de realismo. Manteve a sua atividade jornalística, publicando esporadicamente no *Diário de Notícias*, em Lisboa, a rubrica “*Cartas de Inglaterra*”. Mais tarde, em 1888 seria nomeado cônsul em Paris.

Seu último livro foi *A Ilustre Casa de Ramires*, sobre um fidalgo do século XIX com problemas para se reconciliar com a grandeza de sua linhagem. É um romance imaginativo, entremeado com capítulos de uma aventura de vingança bárbara que se passa no século XII, escrita por Gonçalo Mendes Ramires, o protagonista. Trata-se de uma novela chamada *A Torre de D. Ramires*, em que antepassados de Gonçalo são retratados como torres de honra sanguínea, que contrastam com a lassidão moral e intelectual do rapaz.

Aos 40 anos casou com Emília de Castro, com quem teve 4 filhos: Alberto, Antônio, José Maria e Maria.

Morreu em 16 de Agosto de 1900 na sua casa de Neuilly-sur-Seine, perto de Paris. Teve funeral de Estado, estando sepultado em Santa Cruz do Douro.

Foi também o autor da *Correspondência de Fradique Mendes* e *A Capital*, obra cuja elaboração foi concluída pelo filho e publicada, postumamente, em 1925. Fradique Mendes, aventureiro fictício imaginado por Eça e Ramalho Ortigão, aparece também no *Mistério da Estrada de Sintra*. Seus trabalhos foram traduzidos em aproximadamente vinte línguas.

Obras: O Mistério da Estrada de Sintra (1870), O Crime do Padre Amaro (1875), A Tragédia da Rua das Flores (1877-78), O Primo Basílio (1878), O Mandarim (1880), As Minas de Salomão (1885) (tradução), A Relíquia (1887), Os Maias (1888), Uma Campanha Alegre (1890-91), O Tesouro (1893), A Aia (1894), Adão e Eva no paraíso (1897), Correspondência de Fradique Mendes (1900), A Ilustre Casa de Ramires (1900), A Cidade e as Serras (1901, póstumo), Contos (1902, póstumo), Prosas Bárbaras (1903, póstumo), Cartas de Inglaterra (1905, póstumo), Ecos de Paris (1905, póstumo), Cartas familiares e bilhetes de Paris (1907, póstumo), Notas contemporâneas (1909, póstumo), Últimas páginas (1912, póstumo), A Capital (1925, póstumo), O Conde de Abranhos (1925, póstumo), Alves & Companhia (1925, póstumo), Correspondência (1925, póstumo), O Egito (1926, póstumo), Cartas inéditas de Fradique Mendes (1929, póstumo), Eça de Queirós entre os seus - Cartas íntimas (1949, póstumo).

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

CAPÍTULO 1

Onofre, desde os vinte anos, vivia no deserto da Tebaida.

A sua caverna de Solitário era no alto de um monte, todo de rocha avermelhada e nua, sem um tojo ou musgo que lhe amaciasse a aspereza: – e decerto outrora abrigara salteadores sarracenos, porque a vasta laje que diante dela se estendia, em eirado, estava cerrada e defendida por um muro de pedras soltas, enegrecidas pelo fumo de labaredas, e com seteiras, como as de uma cidadela. Rudes degraus, escavados na penedia, desciam tumultuosamente a um vale, onde um fio de água, caindo de fraga em fraga, criara um horto de ervas silvestres, tamargueiras, terebintos, três altas palmeiras, e mesmo uma mimosa, que em cada Primavera floria e perfumava o ermo. Para além, depois de grossos penhascos de pórfiro, eram as areias, as imensas areias arábicas, ondulando até ao mar Vermelho, lisas, fulvas, como a pele de um leão.

Cada vez que a mimosa se cobria de cachos amarelos, Onofre, com um ferro de lança encontrado no fundo da sua caverna, entalhava na rocha um risco, como os que seu pai, na sua taberna, em Afrodite, sobre o Nilo, traçava no muro para apontar os anos do vinho mareótico.

Todos os três meses, um monge aparecia, montado no seu dromedário, trazendo em seirões de esparto esses pães de aveia, duros e mais largos que rodas, que os abades dos mosteiros distribuía pelos Solitários. Sem descer do dromedário, o monge dava a Onofre o seu pão, bebia uma malga de água fresca, contava a nova considerável de algum édito imperial sobre os Cristãos, de um outro César aclamado pelas legiões, ou de uma heresia inesperada que afligia a Igreja – e partia, desaparecia entre as dunas, curvado sob o seu longo capuz, ao lento badalar dos guizos do seu dromedário. Por muitas luas, Onofre não avistava outra face humana. E a sua vida recomeçava, sempre igual, como a água do seu horto, que, com o mesmo rumor, escorria nas mesmas pedras.

Cada noite, ainda com as estrelas empalidecendo no céu, deixava o montão de folhas secas que lhe servia de leito, atava uma corda em torno da sua túnica de pele de cabra, e ajoelhado, com os braços abertos diante de uma cruz de pau cravada entre duas lajes, no eirado, começava a sua oração, até que ao fundo dos areais já rosados o Sol surgia no céu sem nuvens, já ardente, todo de brasa e de ouro. Direito, então, Onofre entoava um cântico, agradecendo ao Senhor o dia novo. Depois, em obediência ao preceito de Santo Antão, que atribuía ao trabalho tanta virtude como à prece, tomava a sua enxada, o seu podão, o seu balde de couro, e descia, ainda cantando, a trabalhar em baixo naquele horto que a água criara, e que ele alargava, pacientemente, por sobre as areias, para que a Palavra se cumprisse, e o *Deserto se cobrisse de flores*. Quando o céu pesado flamejava na sua imobilidade, e as ramarias enegreciam como bronze na refulgência ambiente, e a terra lhe escaldava os pés nus, Onofre, esfalfado,

sedento, fumegando como um boi na lavragem, subia à sua caverna, desenrolava os rolos de papiro, que continham os Quatro Evangelhos, e encolhido numa tira de sombra, depois de beijar as linhas divinas, mergulhava numa meditação, em que toda a vida do Senhor revivia lentamente na sua alma, e a inundava de doçura, ou a traspassava de dor.

Prostrado, com a face nas lajes abrasadas, orava: – e de novo descia ao seu duro labor, cantando salmos, enquanto a enxada batia o torrão, ou os ombros lhe vergavam sob o carro de pedregulhos, para que, sem descontinuar, subisse do ermo para o Céu, como um fumo de ara que nunca se apaga, o preito do seu coração.

Lentamente, monte e rochas se tingiam de uma cor rosada, semelhante a um rubor humano: as alturas eram de âmbar fino: nas folhagens, mais leves, e como aliviadas, passava um frêmito de asa, um pio fugidio das aves que vinham beber à fonte: – e quando Onofre recolhia ao alto eirado, com a sua enxada ao ombro, todo o deserto, em baixo, até ao mar, rebrilhava como uma lâmina de cobre. O Sol descia por trás de nuvens, que ensanguentava – e era então que o Solitário, aliviando a fadiga num longo suspiro, se sentava, com uma côdea de pão duro e umas poucas de tâmaras no regaço, e a sua cabaça de água fresca pousada junto da cruz. Com os olhos derramados pelas areias imensas que empalideciam, Onofre comia lentamente.

Cada sorvo de água espalhava no seu ser, com a frescura, o contentamento de um dia todo consumido a trabalhar na obra de Deus. E a sua Oração de Graças era tão enternecida, que as lágrimas, uma a uma, lhe rolavam nas barbas poeirentas.

A Lua, curva como uma barca do Nilo, ou redonda e faiscante como a roda de um carro sagrado, roçava o cimo negro da Cordilheira Árábica. Na ravina os chacais uivavam descendo à fonte. Depois, tudo emudecia – e Onofre encostado ao parapeito, embebido na frescura e na paz do luar, sentia, naquele silêncio universal, o bater cansado do seu coração. Mas mesmo esses instantes de repouso os dava ao Senhor – atribuindo somente à sua misericórdia o impulso que o arrancara de entre os homens, e do lodo em que eles se debatem, e o trouxera à pureza desta solidão, onde a eterna verdade se avista tão claramente, como aquela grande Lua, lustrosa e consoladora. No seu reconhecimento, de novo se abatia ante a cruz, e era de joelhos, cantando um derradeiro salmo, que, depois de se arrastar três vezes em torno do seu eirado, Onofre penetrava na sua negra caverna, e se estendia, contente, no seu leito de folhas secas.

Assim, naquela vastidão de areias, que ondulava do Egito até à Arábia, sob essa imensa curva do céu onde se cansava a asa das águias e dos ventos, se movia aquela forma solitária, única entre tanta imensidade, sempre diligente como

uma abelha que faz o seu mel – orando de braços abertos, cavando a terra, folheando o livro santo, trepando os degraus da caverna com o seu odre de água, de rojo nas lajes ante a cruz, entoando da borda do seu eirado um cântico de grande esperança, mergulhando na treva da sua caverna, emergindo ansiosamente dela para voltar à oração, ao labor, ao êxtase, à penitência incansável. Deus olhava – e esperava.

CAPÍTULO 2

Mas como o Solitário ia entrando na perfeição – o Demônio, inquieto com o Santo novo que surgia, correu ao ermo: – e desde então começaram na alma de Onofre os sustos, as surpresas, os ruídos, os combates de uma cidadela cercada. O cenobita com quem ele ao princípio habitara no deserto de Cétis, o velho Apolônio, que transpusera um cento de anos, e só conseguia caminhar com as mãos no chão, muito Longamente o instruíra sobre as artes múltiplas e ondeantes de Satanás, que invade os corações, menos pela força e despedaçando, que por uma penetração de horrenda, abominável doçura. E, todavia, tão serenos e seguros foram os seus primeiros tempos no Deserto, que Onofre, como uma sentinela que vê em torno a planície só coberta de espigas e luz, e se encosta à lança e adormece, deixara o Inimigo penetrar no seu ser, com a facilidade de uma cobra que escorrega entre as tábuas mal juntas de uma cabana. Ainda ele, cada dia, ao escurecer, repousando à borda do seu eirado, com os olhos afogados nas estrelas, agradecia ao Senhor aquela doce misericórdia que caía na sua alma como uma fonte de leite – e já a Serpente bebia desse leite. O arbusto dá o perfume da sua flor, e não sente o verme: – Onofre não sentia o Demônio deteriorando a raiz da sua perfeição. Era então apenas nele, a essa hora de silêncio, de estrelas, uma recordação tão doce da cidade de Afrodite e da taberna de seu pai, que a cabeça lhe pendia contra a rocha e cerrava as pálpebras para reter, mais perto da alma, essas imagens, inesperadamente belas, de arvoredos, e casas alvejando entre os arvoredos, e alegres rumores humanos.

A taberna de seu pai era no bairro grego de Afrodite, junto à Porta das Areias, à orla de um bosque de mimosas e sicômoros que, por sobre uma colina mais alta que as muralhas, se estendia até um pequeno santuário de Esculápio.

Por aquele lindo bosque acompanhava ele sua mãe – que era grega, das ilhas Egeias – quando ela, já pálida, consumida pelos ardores do Egito, ia suplicar a saúde ao deus helênico, o claro ídolo de barbas douradas, e derramar sobre a sua ara o puro azeite da Ática, que ele levava na mão numa infusa pintada. Era sempre de madrugada, quando, nos vergéis do Santuário, cantavam os galos votados a Esculápio.

Do lado das muralhas, onde se aquartelava a Legião Germânica, vinha o som áspero e grave das tubas, que o faziam pensar em marchas triunfantes por países bárbaros e altas cidades cercadas. E sua pobre mãe parava cansada, com a mão transparente contra um tronco de árvore, respirando o aroma esparso de violetas entre a relva, que lhe lembravam a doçura da sua pátria.

Por aquele bosque também todas as tardes, com a sua infusa de greda sob o manto de linho, descia, a buscar à taberna cerveja da Cilícia, ou vinho mareótico, o velho Amônio, o arquivista do Santuário, que lhe ensinava as letras, os números, certos ditames da música, as divisões do Império Romano, e mesmo, sobre uma esfera feita de verga fina, o caminhar das estrelas. Bom Amônio, que sempre o amara, lhe admirava tanto a inteligência, e mesmo aconselhava a seu pai que o mandasse estudar, às escolas de Alexandria, a Gramática e a Retórica!

Nem todos os pagãos, decerto, pertencem ao Inferno. Aquele era simples, doce, humano – e esfarelava sempre, na taberna, sobre o chão areado, um pouco do seu pão para as andorinhas e os íbis...

Assim Onofre cismava e recordava, à porta da sua caverna, entre as rochas, envolto pelo Deserto. E como hóspedes bem acolhidos em casa aberta e farta, que voltam contentes, trazendo outros camaradas – estes pensamentos invadiam cada noite a alma do Solitário, arrastando outros, mais ligeiros, mais cheios de rumor e da alegria do mundo que ele abandonara. Todos vinham sempre daquela taberna do *Galo*, tão clara e fresca entre os sicômoros. Como ela era aseada e bem regulada! Junto da porta estava pendurado o longo azorrague para os servos que não estendessem, bem finamente, pelos pátios, a areia vermelha entre as sebes de rosas – ou que não esponjassem cada madrugada, sobre os muros caiados de amarelo, o sulco fumarento das lâmpadas; mas, na verdade, só sobre o açoite se amontoava o pó, tanta era a diligência e a ordem.

Nenhum pão se amassava em Afrodite mais ligeiro, e branco, e doce, que o do *Galo*! E para comer as ostras de Canópia, que todos os dias chegavam pelos barcos do Nilo, em grossas caixas forradas de limo, vinham lá mercadores ricos, e até sacerdotes – porque os que servem os Ídolos são sempre vorazes. Também os gregos, naquele bairro novo, escolhiam sempre o *Galo* para rematar, à noite, com danças, as horrendas festas dionisiacas. Quantas vezes, antes que a Verdade o penetrasse, ele ajudara culpadamente a pendurar lanternas no largo, espalhando sicômoro, que assombreava o pátio, do lado das muralhas. Ao escurecer, os místicos apareciam, em bando, moços e raparigas, de volta do templo, coroados de hera e choupo, disfarçados com máscaras, embrulhados em peles de bode, cantando os hinos de Iacos. Os servos subiam logo da adega, segurando pelas asas um vasto cântaro de vinho novo. Caraças e peles eram arremessa-das para junto das mesas, armadas sob o velário de

esparto, cobertas de azeitonas, de bolos de mel, de frutas em cestas, e de gelo que rebrilhava. Todos corriam a refrescar as faces, esbraseadas e cheias de pó, na larga piscina ao lado do alpendre dos dromedários.

Dois moços dos mais ágeis, então, dançavam a pírrica, erguendo vasos à maneira de escudos, e brandindo, como lanças num combate, os tirsos de mirto e rosas. Depois o cântaro enorme de vinho era arrastado para o meio do terreiro, coroado de flores – e todos, de mãos dadas, rapazes alternando com as moças, a força entremeada à graça, bailavam, ao som triunfal das flautas e dos crótalos, a coreia sagrada, gritando: “Iacos! sê conosco!” Delírios abomináveis! Mas, no dançar daquelas pagãs, votadas aos fogos do Inferno, mais brancas que mármore, e com formas impuras de deusas, quanta arte perversa, e quanta beleza!

Uma sobretudo, Glicéria, que era filha de um gravador de pedras finas, e morava tão perto do *Galo* que ele a sentia cantar, fiando, sentada à beira do seu eirado, ou pendurando nos ramos do limoeiro as roupas do irmão pequenino! Muitas vezes, passando pela sua porta, de madrugada, vira sobre ela, traçados com gesso, louvores à sua formosura, e à graça do seu andar: – *Glicéria, por ser a mais bela, inquieta Vênus!*

– *Os teus pés, oh Glicéria! correriam sobre lírios sem lhes macular a pureza!* – E ele corava indignado, como se surpreendesse um ultraje. Tinha então quinze anos – ela vinte: e quando a avistava à beira do terraço, ligeira e branca, com o irmãozinho no colo, uma melancolia sem razão, doce como o crepúsculo, descia sobre o seu coração. A última vez que a encontrara fora nessa manhã, em que ele subira ao templo de Esculápio, para se despedir do velho arquivista, seu mestre.

Era à hora da sesta – e em torno do Santuário, branco e lustroso, o bosque sagrado repousava no esplendor do sol de Agosto, sem um murmúrio de ramagem, abrigando aqui e além, na sombra fresca, alguma nudez de estátua, que rebrilhava.

E no silêncio, o gotejar dormente das águas lustrais sobre as bacias de pórfiro, o arrulhar fugitivo de uma rola, eram ainda como rumores religiosos, cheios de gravidade e doçura.

O vasto Esculápio, sobre o seu altar, no alto das escadarias de mármore cor-de-rosa, sorria beneficentemente na sua barba dourada, encostado ao seu bastão onde se enroscava uma cobra de bronze. Numa gaiola de cedro as duas serpentes rituais, gordas, mosqueadas de amarelo, dormiam com beatitude, enroscadas sobre fofas lãs de Mileto.

A um canto, na sua cadeira de marfim, o sacerdote de serviço dormia também, com as mãos, resplandecentes de anéis, pousadas sobre o ventre, e uma ponta do manto de linho estendida sobre a face, suada e nédia. E na ara de bronze, coberta de brasa, um fumo leve, e lento, e direito, e perfumado, subia como uma prece contínua e serena. À espera do seu mestre, ele passeava na frescura dos pórticos, entre as colunas de mármore, cobertas de estelas votivas, e de cachos de mimosas, abafando, sobre as lajes bem lavadas, o ruído das suas sandálias—quando ela apareceu na longa avenida de palmeiras.

Lenta, pensativa, com as mãos embrulhadas no véu leve cor de açafreão, que lhe pendia dos cabelos, ela veio caminhando, pela tira de sombra, até à escadaria de mármore, que os seus joelhos tocaram, levemente. E os seus olhos, que ergueu vagarosamente para o Deus, e onde uma lágrima bailava, eram como duas pedras preciosas refulgindo sob água. Depois, com a mão que desembrulhara do véu, deixou cair na ara um punhado de incenso. Contemplou um instante o fumo aromático que envolveu a face do ídolo – e desceu a avenida, com passos lentos, e pesados de cuidado, sob a sombra estreita das palmeiras. Ela resplandecia de saúde e viço. Para que ser bem-amado viera pois implorar o seu Deus? Longe, sob as árvores, o seu véu, colhido num raio de Sol, reluziu como ouro. E ele não a vira, nunca mais...

Ora uma noite que assim cismava, com a cabeça encostada às rochas, sentiu perto como um rumor de sandálias, e um aroma lento de incensos. Abriu os olhos, num espanto – e no sítio da sua negra caverna alvejavam os mármore do templo, Esculápio sorria nas suas barbas douradas, a ara fumegava docemente, e Glicéria, sem véus, estendia os braços! Mas era para ele, não para o Deus, que estendia os braços suplicantes e nus. Sob a túnica, mal franzida, o seu seio arfava, como num desejo que anseia e se retém. Toda ela sorria, com as pálpebras pesadas. E o calor do seu corpo radiava através dos tecidos leves.

Tão viva e real era aquela presença que Onofre, a tremer, murmurou: “Que queres?” E já se erguia, as suas mãos mergulhavam naquelas brancuras de carne e mármore – quando tudo subitamente desapareceu, como sorvido pela boca negra da caverna. Onofre, então, com imensa tristeza, reconheceu que o Demônio penetrara enfim na sua solidão. Aquelas recordações dos antigos dias, que julgara mandadas por Deus, para que ele agora, vivendo nas delícias da verdade, as contemplasse com o salutar horror com que o homem, um momento transviado, considera as nódoas de vinho na túnica que de si arrojou – eram trazidas pelo Demônio, que as embelezava, para que o que nele restava ainda de humano e carnal se prendesse à sua doçura.

E com efeito ele estremecera, suspirara... A sua alma, pois, que fechara toda dentro de Deus, não estava ainda bem segura!

Rojado nas lajes, com os braços lançados em torno da cruz, Onofre toda a longa noite implorou, ao Senhor, fortaleza.

CAPÍTULO 3

O mais doce desses, era o do bom Amés, um escravo núbio, que seu pai comprara a um bando de sarracenos nômadas, e que, tendo percorrido a Arábia, e a Mauritânia, e a África até ao país dos Garamantes, lhe contava, na sua infância, maravilhosas histórias de guerras, de leões, de povos temerosos, e de tesouros escondidos em cavernas. Seu pai, desde que findara a perseguição de Diocleciano, costumava alugar dromedários aos cristãos de Alexandria e do Delta, que subiam o Nilo até Afrodite, em peregrinação aos mosteiros da Baixa Tebaida. Amés que conduzia, como cameleiro, essas caravanas piedosas, adorara muitos deuses, porque servira muitos amos. Mas, desde essas primeiras jornadas à Tebaida, reconheceu, e compreendeu o Deus verdadeiro, através da bondade e da caridade, tão novas para ele, desses doces cristãos, pacientes e piedosos, que lhe ajudavam a arrear os dromedários, lhe tiravam dos pés os espinhos ou as lascas de conchas, partilhavam com ele das suas porções de lentilha e de azeite, e, sob a tenda, diante das fogueiras, ou pelas sestras, à beira dos poços, o chamavam, lhe abriam lugar, como a um semelhante e a um irmão. As águas inestimáveis do Batismo tinham, enfim, banhado resgatadamente o seu miserável corpo de escravo, mais lustroso que o ébano e todo coberto das cicatrizes do açoite e dos ferros.

O bom Amés, desde então, resplandecia de contentamento e paz. E fora esse pobre servo, resgatado na alma, que lhe contou desse Deus novo que nascera humildemente num curral, errava pelos caminhos da terra com os pés nus, e cercado de pobres, ensinava a Caridade, e a Bondade, e a Humildade, parava à porta dos casais a beijar as criancinhas, e quisera morrer, por amor dos escravos, numa cruz, como um escravo.

Era sempre de noite no cubículo em que ele dormia, sob o alpendre dos dromedários, que o bom Amés, agachado numa esteira, com os olhos a reluzir como estrelas, lhe desenrolava esta história maravilhosa – a daquele grande Reino celeste, além das nuvens, para onde todos aqueles que amassem Jesus e cumprissem a sua doce lei, iriam, logo depois da morte, sem demora, começar uma vida incomparável, toda feita de delícias, entre vergéis de cristal e ouro.

Como uma sentinela desconfiada, à porta de um castelo, ele vigiou então severamente os pensamentos que se lhe apresentavam vindos do seu passado, e só recebeu aqueles que traziam a marca luminosa da Graça.

E ele, a estas revelações de Amés, sentia na sua alma um rumor, um brilho de claridades, e a frescura de um ar mais puro, como se ela fosse uma casa muito tempo fechada e abafada, onde alguém, bruscamente, e uma a uma, abrisse as janelas à brisa e ao sol da manhã.

Que alvoroço, então, quando aparecia na taberna, conduzida pelo gordo Basílio, diácono da igreja de Afrodite, alguma pequena companhia de cristãos, que desembarcava e vinha apreçar dromedários! Até esse dia sempre se afastara deles, num vago susto, uma desconfiança que lhe ficara do tempo em que sua mãe lhe contava que os Cristãos “comiam criancinhas embrulhadas em farinha” e para lhe abafar os choros e as perrices, murmurava apontando para a porta: “Cala, filho, cala, senão vêm os Cristãos que te comem!”

Mas depois! Mal eles apareciam, corria, mais reverente que nenhum servo, para os aliviar das trouxas e das bagagens, e acarretava alegremente a água para as abluções, e estendia tapetes sob os pés dos mais velhos, atento aos seus menores movimentos como a atos consideráveis de santidade. Quando seu pai, tomando as lâminas de chumbo, e o estilete, começava a somar as despesas, ele corava, tremendo da sua cupidez. À Porta das Areias, esperava longas horas, entre os publicanos, o regresso das caravanas. E se ao chegarem, algum dos peregrinos cristãos, poeirento e tisonado dos sóis, o reconhecia, lhe acenava logo, sorrindo do alto do seu dromedário – o seu coração batia de alegria e de orgulho.

Depois, nessas noites, no seu cubículo, não se fartava de escutar o bom Amés, contando as marchas e os repousos, e os mosteiros florindo no Deserto, e as novas façanhas dos grandes Solitários – Múcio, para que os seus discípulos se abrigassem, fazendo reverdecer uma acácia seca, ou Pacômio, para atravessar o Nilo, acenando a um crocodilo e montando sobre o seu dorso! O desejo de acompanhar também as caravanas, e testemunhar tão doces maravilhas, foi então, na sua alma, mais imperioso e ardente que uma longa sede num areal deserto. Mas essa sede, de que sofria, com quanta pressa e misericórdia lhe contentaria o Senhor?!

Dois monges da Síria, Germano e Cassiano, tinham então, depois de uma longa peregrinação pela Níttria e Deserto Líbico, chegado a Afroditópolis para tomarem dromedários, e visitar os mosteiros da Baixa Tebaida, até Colzim e o mar Vermelho. E seu pai que desejava então contratar com os abades desses mosteiros o fornecimento de trigo, e óleos, e lãs, determinou, de repente, que ele partisse nessa caravana dos dois monges sírios, levando cartas de Arquébio, bispo de Pafenísia. Que surpresa, que alvoroço! João Cassiano e o seu companheiro eram do país dos Citas, mas polidos por uma longa residência na Ásia Menor, e ambos homens de grande saber e doçura. E quando naquela primeira noite, em que acamparam junto às grandes serras de onde se tira o mármore vermelho, ele, tremendo, suplicou a João Cassiano que tomasse a sua

alma para a conduzir à Verdade, foi como se, pela primeira vez, soubesse o que era a ternura de um pai. O incomparável jornada, em que cada passo, mais gostoso que o de um triunfo, o avizinava do Céu!

Então conheceu inteira, e mais verdadeira do que Iha soubera ensinar o bom Amés na sua simplicidade, a Lei de Jesus: – e a fé penetrou no seu coração, com a certeza e o fulgor de uma espada. O céu não era mais luminoso do que a sua esperança, naquela madrugada em que avistaram o mosteiro de Cétis – e as três palmeiras que estão à entrada, tendo cada uma, pendente dos ramos baixos, disciplinas de corda, de couro e de ferro, porque a sua regra é austera. A buzina do velador, que observa as estrelas na torre da igreja, acorda de noite, de hora em hora, os monges para que eles rezem, de pé, nas suas cabanas, estreitas como esquifes, sem porta, apenas guarnecidas de uma grade baixa contra os escorpiões. De dia cada um permanece isolado na sua cabana, encruzado sobre um montão de folhas de papiro, que lhes serve de leito, a rezar sem repouso, a trabalhar sem repouso – tecendo esteiras, copiando evangelhos, cosendo odres, polindo ágatas. Ao declinar do Sol, o despenseiro vem colocar silenciosamente, a cada porta, um pão duro. Então, no ar mais fresco, passa o lento, longo suspiro daqueles penitentes, que enfim descansam. No curto crepúsculo, com os braços ociosos, eles contemplam, da abertura avara das celas, os altos montes que cercam o mosteiro, e o Céu que é o cuidado das suas almas. À noite, os chacais uivam nas quebradas. Na escuridão de cada cela há gemidos, e o silvar dos azorragues. Depois tudo emudece: – e dois monges dos mais velhos, sumidos nos seus capuzes, rondam através do mosteiro adormecido, com lâmpadas e grandes cruces, para afugentar os Demônios, que sob formas horrendas ou formosas, àquela hora invadem o ermo. Oh! a regra é dura – mas como ela dá contentamento e paz infinita a todas aquelas almas, por sentirem tão certo e vizinho o Paraíso!

Por isso ele, depois de receber o Batismo, em dia de Páscoa, e ter comido o bolo de mel, e revestido a túnica de inocência, suplicara, em lágrimas, ao velho abade Serapião, que lhe concedesse uma cela para viver entre os seus monges, no trabalho perpétuo, na perpétua oração... Mas o bom abade não consentira – porque a sua fé era recente, o que um sopro levanta um sopro o abate, e só almas experimentadas em maior aspereza e solidão podiam recolher, nas doçuras espirituais daquele mosteiro ilustre, o preço da sua fortaleza.

Então, por conselho de Serapião, ele penetrara mais longe, no Deserto, para além da Planura dos Carros, nas agrestes serranias que se alongam até Colzim. E aí fora servir um velhíssimo Solitário, a quem o derradeiro discípulo fugira, com um bando de sarracenos, para remergulhar no Pecado. Nilo era o nome desse Solitário espantoso, que tinha cento e vinte e três anos, e já não podia caminhar senão de rastos com as mãos sobre as pedras.

Tão longa e alta fora a sua penitência, naquela solidão, durante um século, que não temia Deus, nem orava – e, como um obreiro que findou a obra, apenas se contentava em olhar o céu, silenciosamente, à espera do seu salário. Durante três anos que servira aquele Santo terrível, nunca dele recebera um sorriso, uma consolação, um amparo – porque de tanto viver na solidão arenosa e pedregosa, aquela alma ganhara a secura das areias e a rigidez das serranias. Mas se ele, entre duas longas orações, estendia mais o seu repouso, ou se retardava à beira do poço salobre que lhe dava a água – logo os olhos do Solitário, aqueles seus olhos pequeninos e rebrilhantes entre densas pestanas brancas, o traspassavam numa repreensão muda e dura. Ah! ele nunca decerto compreendera aquela virtude medonha!... A fama da sua velhice, da sua santidade, invadira todo o Egito. Dos montes e das cidades acudiam monges, acudiam mesmo pagãos, para o visitar, uns na admiração de tão espantosa penitência, outros na esperança de serem por ele curados de feridas e males. O terrível velho, porém, nem sequer consentia que eles se aproximassem da sua caverna: – e um dia mesmo tentou arremessar contra um mais ousado, que lhe queria tocar o corpo ou a túnica de pele, uma pedra que o seu braço já não pôde erguer. Era de longe que os peregrinos o contemplavam – enquanto, sentado no chão, com os olhos baixos ou perdidos no céu, e tão alheio àqueles homens como se fossem as pedras do seu Deserto, bocejava com lentidão, ou metia a mão por entre a túnica para coçar sobre o peito, e sobre os rins, as feridas incuráveis que lhe deixara o cilício. Enfim uma madrugada, indo ele junto do monte de folhas secas que lhe servia de leito para o ajudar a erguer, encontrou o Solitário morto! Morto, como adormecido, na postura de uma criancinha, com a mão sob a face, os joelhos junto do peito, tão pequenino, que as ervas secas do leito eram mais longas: – e a sua face, tornada cor-de-rosa, sorria com serenidade.

Por suas mãos o enterrara na areia, junto da grande cisterna: – e quando a cova ficou bem coberta com pedras por causa das feras, ele sentiu penetrar na sua alma o heroísmo penitente do velho Solitário. Era como se tivesse herdado aquela alma formidável, que se reunira à sua e lhe comunicava a sua fortaleza invencível. Trans-portado numa imensa esperança, apeteceu ansiosamente, também, uns cem anos de Deserto, e de oração, e de mortificação, e o seu nome espalhado por todo o Egito cristão, e uma morte igual, com a mão sob a face, sorrindo, e tão pequenino que coubesse nos braços de um anjo! Recolheu então a túnica de pele que usava Nilo, e o seu rolo da Escritura, e o seu bordão, e a sua cabaça, e avançara pelo Deserto, para o lado do oriente e do mar. O seu sustento todo fora um pão trazido da caverna do velho: para evitar que um bando de nômadas o levasse como escravo, estivera uma noite inteira agachado, enterrado nos lodos fétidos de uma lagoa: lutara, às pedradas, contra as hienas; uma planície de sais, grossos e cortantes, retalhara-lhe os pés; marchando sob o sol, chorava de sede, contente de chorar porque bebia as lágrimas... E sob estas angústias e terrores da carne, a sua alma resplandecia,

certa de que cada sofrimento era um degrau subido na longa escadaria do Céu. Por fim, uma madrugada, avistara aquelas palmeiras ramalhando ao vento, e a mimosa em flor, e no alto, aberta, como se o esperasse, a caverna.

Com que felicidade a visitara, e toda a serra de rocha em rocha, e a fonte clara e fria que cantava no vale, e os arbustos que a ensombravam! Oh maravilhosa granja, em que era escravo, para viver sozinho com o seu Senhor! Todo esse dia cantara cânticos de Graça. E desde que ali habitava – já três vezes a mimosa se cobrira de flores!

Assim rememorava Onofre agora, cada dia, o seu passado piedoso. E sempre emergia desta meditação com um contentamento maior, mais vivo, pela sublime obra que empreendera.

Ela era magnífica e rara entre os homens. Os monges de Tebane, de Cétis, da

Nítria, do lago Maria, viviam nas doçuras da comunidade, e viam girar, no alto das colinas, os moinhos que lhe moíam a farinha, e se as febres os assaltavam, o irmão sabedor das artes médicas corria com o seu frasco de óleo e o molho de plantas salutares. Os Solitários não se afastavam das cercanias do mosteiro, ou do Nilo, que é a rica, populosa estrada do Egito. Antão mesmo! O velho túmulo em que se enterrara vinte anos, estava a dois dias de Afrodite, no caminho das caravanas. Mas ele! mais solitário que todos os Solitários, habitava os confins do mundo. A ocidente eram léguas sem fim de areias e rochas; a oriente, o mar estéril: e só ele, naquelas solidões pavorosas, lançando o seu cântico perene para o Céu. Por isso também o olhar de Deus o distinguiria mais claramente, assim destacado e único, naquela imensa extensão de terra.

E depois com que facilidade ele abandonara o mundo, e os homens, e todas as alegrias da humanidade! Um pobre escravo, simples, inculto, conta-lhe um dia desse Deus novo que nascera em Galileia – e eis que ele sacode de si, como uma velha sandália, crenças, e afeições, e as riquezas de seu pai, e as promessas surpreendidas nos olhares das mulheres, e logo se dá inteiramente e para sempre, e parte, e penetra nas solidões, para servir e amar em silêncio esse Deus, ainda mal conhecido e indistinto, como uma estrela entre nuvens! Onde houvera aí fé mais pronta e mais confiada?!

Por isso também Deus, reconhecido, lhe dera aquela serenidade em que ele vivia, já havia três anos, sem saudades que o pungissem, nem terrores que o arrepiassem, seguro naquelas bravias serras, como um rei no seu palácio.

Oh! sem dúvida, o olhar de Deus estava sobre ele, e todo o envolvia no seu esplendor sublime; e o Demônio e o seu sopro mundanal não podiam transpor, nem sequer roçar aquela Graça que o defendia.

Ora uma noite que ele assim pensava, sentiu como o deslumbramento de uma claridade – e erguendo os olhos, viu, entre a treva rasgada como um pano, uma vaga nuvem refulgente, de onde Jesus, debruçado, com a sua cruz entre os braços, espreitava para baixo, para a terra do Egito.

E, oh dor! não era para ele, único e tão visível, naquela grande solidão, que se voltava e sorria a face do Crucificado – mas para além, para o lado das cidades, para uma multidão que se agitava, miúda, e escura, e ínfima, como um formigueiro, entre searas e muros!

Atirou os braços ao céu, gritou desesperadamente:

– Oh meu Senhor, estou aqui, teu servo no teu Deserto!

Mas, entre as sombrias cortinas que se cerravam, a face do Senhor desapareceu, desatenta, como se para ele não houvesse nem servo, nem deserto! E tudo recaiu em mudez e treva.

Então, com os cabelos eriçados de horror, Onofre compreendeu que aqueles pensamentos em que se comprazia, como se fossem flores da sua Piedade, eram subtis rebentões do seu Orgulho. Numa lacrimosa oração, prometeu ao Senhor repelir da sua alma todos os pensamentos do passado, pois que todos eles, mesmo os da sua doce ascensão para as Verdades, traziam consigo a mácula do mundo, como raízes que, ou sejam de planta salutar ou de flor venenosa, vêm sujas do lodo negro em que mergulharam.

E para maior humildade, selou a sua promessa com o sangue que as disciplinas toda a noite lhe arrancaram do corpo.

CAPÍTULO 4

Então, lentamente, foi nele nascendo o espanto, depois o terror da sua solidão.

Arrepiado, ele recordava as histórias outrora ouvidas no *Galo* a Amés, a velhos cameleiros das caravanas entre Berenice e a Líbia, sobre as gentes medonhas, as feras que povoam aquela região, a mais bravia de toda a terra. Pelas bordas do mar, erram as horrendas tribos troglodíticas, que não têm deuses, nem leis, se nutrem de peixe cru e das cobras dos rochedos, bebem sangue, possuem em comum as fêmeas felpudas, e saem de rastos dos seus covis de lama, para uivar à Lua. Ali, naqueles descampados, vive a mais pavorosa das feras, o touro-sarcófago, que come a carne humana, é cor de fogo, expele um bafo que resseca as plantas, e, alternadamente, deixa pender os cornos como membranas moles, ou os enrasta para o ataque, tão agudos, e longos, e duros como dardos de ferro! Mas, terríveis entre todas as feras. eram essas serpentes do Deserto Árábico, tão compridas e grossas, que em repouso, e quando fartas,

fazem na planície como uma colina de roscas e escamas, onde luzem no cimo, e se avistam de longe, as Então, para que esses pensamentos da sua vida entre os homens não lhe turbassem a alma, Onofre, na curta hora de repouso, ao escurecer, forçava os olhos a contemplar, uma a uma, as aparências do seu Deserto. Imóvel, à beira do seu eirado, considerava longamente as formas e as semelhanças das rochas – umas escarpadas, lisas, como muros de cidadelas, outras agudas, avançando na sombra crepuscular como proas de galeras encalhadas, outras redondas, em montão, de um alvor fúnebre, como crânios que restassem de uma antiga, esquecida matança. Meditava as serras que se estendem para o sul, a sua aspereza e nudez, os antros que decerto as escavavam, e os fundos barrancos, mudos, abafados em treva. Mais longe seguia a infundável lividez do areal, ondeando à maneira de um sudário onde o vento fez pregas, até às orlas de um mar bravio, que não se avistava... E para além das areias, e das rochas, e dos montes, havia ainda outros montes, e penedias, e dunas, e pântanos, e solidões, que o separavam dos homens. duas brasas dos seus olhos... E era no meio de serranias, povoadas por estes monstros, que ele vivia, desamparado.

Então, desvairado pelo medo, começou a fortificar, como na véspera de um assalto, o largo eirado, onde se abria a sua caverna. Em longos dias de suado trabalho, conseguiu rolar um penedo para defronte dos rudes degraus, que desciam para o vale e para o horto. E apenas reconheceu a inabilidade da sua obra! Selvagens e feras podiam descer sobre ele dos cumes do monte, que do lado do sul se ligava, por um dorso fácil, a outras serras, aos areais. Recomeçou: arquejando e gemendo, acarretou grossas pedras para a boca da sua cova, onde todas as noites erguia laboriosamente um muro que, cada madrugada, desfazia. Mas, assim emurado, ainda não sossegava. Constantemente, silvos, mugidos, o rojar de pedras sob patas moles, sacudiam, sobressaltavam o seu dormir ansioso. Certo bater de asas, sobretudo, semelhante a grossos tapetes que se sacodem, tornava agora a cada instante sonoro aquele ar tão mudo e limpo do seu Deserto: – e ele não duvidava que fossem essas horrendas aves, de face humana, que assaltam os viajantes solitários, os embrulham nas asas felpudas, lhes chupam o sangue.

Quantas vezes ele ouvira contar a Amés como dois soldados da Coorte, estacionada em Fulacon, para escoltar as caravanas da Líbia, tinham sido devorados por estes vampiros!

Uma noite sentiu desabar, com estrondo, o muro que fechava a sua caverna. Até que a madrugada clareasse, não cessou de tremer, agachado num recanto, com os cabelos eriçados, e o rolo do Evangelho aberto diante do peito, como um escudo. Que valiam, com efeito, pedras, mal postas sobre pedras? Só do Senhor devia esperar a defesa que nenhuma força derruba.

E não tornou a erguer aquela vã e frágil parede. Diante da caverna, plantou a cruz de madeira. Mas o deserto parecia agora cheio de rumores e de formas. Cada hora de escuridão se tornou um imenso pavor.

Com que inquietação ele via descer, ao longe, sobre os desertos da Líbia, o Sol, que era a sua proteção! Não se sente mais desamparada uma criancinha que a mãe abandona numa estrada escura. Apenas a sombra se estabelecia nas quebradas, e toda a cor se apagava sobre as rochas, começava, em torno do Solitário, o mover e rumorejar de uma vida tenebrosa e disforme. Bafos mornos e fétidos passavam logo sobre a sua face: tropéis de patas, o duro entrecocar de cornos, roncões ásperos, estalidos de galhos que se partem, não cessavam na treva densa: longe, no areal, corriam, volteavam, clarões de fachos, guedelhas sacudidas no ar, e panos lívidos como sudários; – e até lhe parecia que os montes se mexiam, como dorsos cansados que se estiram. Debruçado da sua esplanada, ele distinguia então o lento ondular de alguma serpente, cujas escamas raspavam as rochas: mais grossa que um tronco de cedro, ela avançava, silvando, colava a cabeça à alta escarpa do seu monte, e lentamente, viscosamente, subia, crescia tão perto, que as duas brasas dos seus olhos lançavam sulcos escarlates no rochedo. Com um grito, Onofre recuava, para se esconder na sua caverna – e surpreendia então alguma anca negra, uma cauda felpuda, desaparecendo pela abertura baixa. Cercado de monstros, caía no chão, a arquejar, esperando a morte, numa derradeira oração ao Senhor: – e quando erguia a face, tudo reentrara em imobilidade e mudez, e uma estrela luzia no céu, com serenidade. Mas o seu repouso não durava; outras visões surdiam logo da sombra inesgotável.

À beira da escarpada rocha onde se abria a caverna, no alto, começou, durante longas noites, um silencioso e confuso mover de larvas que se recortavam, nas suas formas diferentes, com uma cor lívida, sobre a negrura do céu. Eram gordas massas rastejantes, esguias figuras semelhantes a obeliscos, pescoços que se torciam no ar como fitas ao vento, tendo na extremidade uma cabeça guedelhuda... Em baixo, no meio do eirado, Onofre tremia, esperando a cada instante que elas se precipitassem, se abatessem sobre o seu corpo misérrimo. Mas nenhuma se descolava da borda da rocha, no seu perpassar incessante e mudo: apenas por vezes um longo braço mole escorregava, pendia, raspando a pedra com garras ásperas; ou uma longa asa se espreguiçava por sobre a cabeça do Solitário, muito no alto; ou uma face horrenda se debruçava, a espreitar, com a língua pendente e cor de fogo. Se ele se refugiava na caverna, sentia por cima, como se a densa massa de rocha fosse apenas um soalho tênue, o pesado tropel de patas moles – e pelas rachas da abóbada, de repente, caía uma ponta de rabo que se torcia, ou descia um dedo com uma longa unha de ferro. Todo o monte parecia fervilhar de vidas monstruosas. Debaixo dos seus pés nus, a pedra tinha o calor, a moleza viscosa de um ventre. A própria abertura da sua cova, ora se alargava, ora se cerrava, como uma boca que espera a presa.

De madrugada, o seu cansaço era tão grande, que mal podia segurar a enxada para cavar o seu horto: – e, muitas vezes, adormecia exausto sobre as folhas abertas do

Evangelho. Para espantar os monstros, imaginou acumular galhos e ervas secas, na sua esplanada, e acender de noite uma fogueira.

Imediatamente, nas contorções da chama, apareceu um medonho basilisco, serpente cor de brasa, que tem dois cornos – e o fumo formava longos fantasmas cinzentos, que se enrodilhavam no pescoço do Solitário, e o esganavam.

Certo então da sua destruição próxima, pois que toda a Natureza arrojava contra ele os seus monstros, desde os mais pesados aos mais subtis, Onofre aceitou com submissão o destino que lhe marcava o Senhor: – e, uma noite, ajoelhou diante da caverna, cruzou firmemente os braços, e não se moveu, esperando, quase apeteendo, o remate dos longos tormentos. Imediatamente, uma avantesma monstruosa e estranha apareceu, e, sem um rumor, sem que um dos vastos membros se movesse, ficou diante dele na rigidez e a inércia pesada de um monte. Todo o seu vasto corpo se perdia na sombra, para além da esplanada – e Onofre apenas lhe avistava o gordo e enorme focinho, alongado em tromba, e dois olhinhos, meio cerrados, perdidos na gordura, de uma imensa, intolerável estupidez e tristeza. Era essa certamente a alimária suprema que o vinha devorar: – e tapou a face, com as mãos trêmulas e frias, murmurando a oração derradeira.

Quando de novo olhou, o monstro lá permanecia, imóvel e mudo. Um pêlo ralo, e nojento, cobria todo o imenso focinho, onde reluzia, como supurado da sua gordura, um óleo grosso, e em bolhas. A abertura das ventas desaparecia sob o monco que nelas coalhara. E os seus dois olhos pequeninos, baços, não se desviavam de Onofre, tão medonhamente estúpidos, e de uma tristeza tão crassa e densa, que ele fugiu, para os não suportar, rolou para o fundo da caverna, soluçando de desespero. Longas, intermináveis horas passaram: voltou de rastos, a espreitar; a avantesma lá jazia, imóvel, luzidia de gordura, mais estúpida e triste. Furioso, o Solitário agarrou uma pedra, que lhe arremessou contra a tromba. A pedra não deu som: – o monstro, impassível, olhava estupidamente, tristemente o Solitário.

Gritou, com um grande gesto de excomunhão, o nome de Jesus Cristo: – e apenas o som da invocação santa morreu no ar mudo, a avantesma lá estava, maciça, crassa, gordurosa, soturna, olhando o Solitário com a sua tristeza estúpida. E assim foi durante intermináveis, angustiosas noites. Ou Onofre orasse, ou corresse aflito pela esplanada, ou se encolhesse a um canto da caverna com a face nas mãos – o monstro lá estava, na sua pavorosa imobilidade, tão lúgubre, tão estúpido, tão gorduroso, que parecia comunicar às

rochas em redor, aos montes, aos céus, às nuvens, a sua gordura, a sua estupidez, a sua imensa tristeza. Onofre passava as noites chorando, gritando, de fastio e de horror.

Um momento chegou, mais desesperado, em que Onofre decidiu abandonar aquele Deserto. Tomou o seu rolo da Escritura, a cruz que fora de S. Nilo, e um dia, antes do declinar do Sol, começou a caminhar para ocidente, para as serras do mosteiro de Cétis.

Estava à orla da grande planície arenosa, quando a escuridão o colheu. Para comer o punhado de tâmaras que trouxera, e beber da sua cabaça, descansou numa rocha – e imediatamente viu diante a alimária disforme, que, sentada, sem que as patas se distinguissem do corpo, jazia como um monte sobre a areia, com a vasta tromba pendente, e cravados nele os olhos, de estúpida e horrenda tristeza. O desgraçado Onofre fugiu para trás, para o seu rochedo, onde ao menos a sua caverna o escondia. E quando de novo, alta noite, alagado em suor, arquejando, pisou as lajes costumadas – o monstro lá estava, com a sua tromba, a sua tristeza, a sua estupidez.

Então o Solitário sentiu um intolerável horror à vida – e os seus olhos devoravam ansiosamente a borda daquele alto rochedo, de onde podia cair para sempre na paz e na insensibilidade. Não se matara Saul? Não procurara e se dera a si mesma a morte Pulquéria de Antioquia, que toda a Igreja louvava? O que era a confissão da Verdade, perante os pretos romanos, senão a voluntária entrada na morte?

E quando assim pensava – eis que, de repente, a tromba do monstro se abre com lentidão, e aparece, sangrenta e profunda, a sua imensa goela. Decerto Deus determinara que aquele fosse o seu fim sobre a Terra. E ele, com arrebatada gratidão, o aceitava, pois que seria assim mais portentoso que o de todos os confesores nos martírios! Ah! não estarem ali multidões para testemunhar a heroicidade da sua fé, e a sua confiança no Senhor!

Encarou, erguendo bem a cabeça (pois que decerto os anjos o contemplavam) aquela goela, horrenda mais que todos os horrores, e que esperava escancarada para o tragar. Mais vasta que um antro, com dois renques de presas, de onde gotejava um sangue espesso, a sua profundidade desaparecia sob uma névoa e um vapor cor de sangue. E não se movia, com a indiferença de um abismo natural, certa de o devorar.

Então Onofre alargou os braços, entoou furiosamente um cântico alegre, e marchou para o monstro, e para a morte. Subitamente tudo desapareceu, como uma sombra numa parede.

Imóvel, à beira do eirado, Onofre esfregava os olhos, espantado, como quem emerge de um sonho sinistro. E sentia um cansaço tão pesado, que ali mesmo se deitou sobre as lajes, e todo o seu ser se dissolveu num sono benéfico e calmo. A madrugada que o despertou era a mais fresca, e rósea, e doce, que ele experimentara no Ermo.

Quando desceu ao seu horto, a encher a bilha, encontrou a mimosa toda em flor e aroma.

Chegara pois a estação, doce entre todas no Egito, *Shá*, a Estação dos Renovos.

Já, a essa hora, na negra Etiópia, o divino Nilo estremecia, e recolhendo a boa terra negra, como um esmoler que enche os sacos, começava a sua marcha magnífica para o norte, e para os vales... E nessa noite a Lua, a que perpetuamente morre e perpetuamente renasce, surgiu sobre o Deserto, redonda e cheia como um seio, derramando a sua luz como um leite carinhoso.

Toda a noite, sentado à porta da sua caverna, Onofre embebeu os olhos na Lua, e recordava, a seu pesar, vagamente, uma cantiga da sua ama, uma escrava de raça cananeia, em que se celebrava a Lua, e a sua influência que faz fermentar os vinhos e governa o amor das mulheres.

A Lua parara sobre o mar; Onofre sentia a carícia da sua luz macia: – e todo o Deserto, com os seus rochedos e dunas, parecia voltado para ela, para se mirar no seu brilho, como num espelho suspenso.

Doces noites, então, assim passou, num imenso repouso, estirado nas lajes, e bebendo a espaços a água fresca da sua cabaça – porque a Estação dos Renovos é quente e sem orvalhos. Todo o deserto jazia em redor, alumiado, limpo inteira'. mente de fantasmas e monstros, numa larga inocência, e mais seguro que um templo. O Senhor, na sua misericórdia, varrera para longe, com mão forte, o tropel disforme e roncante dos fantasmas e dos monstros. A névoa, onde se formavam os terrores, fora dissipada – e a Natureza reaparecia na sua inocência real e magnífica. E tão limpo e purificado estava todo o ar, que o canto fino da fonte subia até ele, misturado ao perfume das flores das acácias.

Como era doce, assim, a solidão!

Até as rochas perdiam, naquela suavidade da Primavera, a sua rigidez – e nem eram proas de galeras naufragadas, nem montões de crânios alvejando. Na sua brancura havia agora um calor de vida: redondas, emergindo da encosta negra, lembravam a curva macia de um ombro nu, se a túnica, cor de jacinto, escorregou; altas e lisas eram como os claros muros de uma cidade bem acolhedora, onde o viajante, que atravessou desertos, encontrou a frescura das Termas, e o alegre bulício das ruas, que cheiram a sândalo e mirra...

Um cansaço doce e lânguido oprimia o Solitário; e do seu peito, que se levantava como uma onda, saía, por vezes, sem razão, um suspiro soluçado.

Na sua caverna, não encontrava, como outrora, um sono fácil e sereno: a abóbada negra, o duro chão da rocha, exalavam um calor macio, tocado de aroma, como se um frasco de essência se tivesse entornado, e em torno pendessem estofos e peles; e sobre o seu montão de papiros secos, ele torcia os braços, sufocado, num espreguiçamento que lhe fazia estalar os ossos fortes.

Saía ao eirado, para respirar, ocupar a vigília com a oração: – mas o nome mesmo do Senhor lhe morria nos lábios, distraído por sons estranhos, certos cheiros estranhos, que vinham de longe, da sombra. Era por vezes um riso esquivo, fino, de mulher, que se perdia entre as ramagens do horto; um bafo de forno, com um bom aroma de pão quente, trazido por uma aragem; um véu amarelo que se abria devagar, arrastava sobre as rochas. Debruçado da muralha, com o coração batendo fortemente, Onofre espreitava, escutava: – e por vezes toda a noite ali ficava, sem se mover, com os olhos cravados na escuridão, à espera, como se alguma coisa devesse chegar, deliciosa, e que ele ansiosamente apetecia, e de que não suspeitava nem o nome, nem a forma.

O dia, o radiante Sol, não lhe afugentavam estas imaginações. E cavando a terra, empedrando os canais de rega no seu vergel, ele parava, colhido vivamente pela lembrança do riso esquivo e lânguido, ou pelo cheiro do pão ao sair do forno. Ao chegar de manhã à fonte, lavava os braços nus, as pernas, acamava o cabelo que lhe caía revoltamente sobre a túnica de pele de cabra: esmagava sobre as mãos certas plantas que tinham um bom aroma: – e tinha gosto, considerando os seus músculos, em pensar que era forte e airoso. A chegada da noite já o não assustava – antes a apetecia, pelo seu mistério e por aquela sua vasta sombra, que é como uma cor. tina que tudo esconde.

Mas como ela era solitária e vazia! Se, ao menos, tivesse, como alguns cenobitas, um companheiro moço, com quem pudesse passear, naquelas veredas do monte, passando o braço sobre o seu ombro!

Juntos cantariam os hinos santos – e murmurariam, um ao outro, para se fortalecerem, as tristezas dos seus corações. Oh! se algum desses monges, que erram de mosteiro em mosteiro, ou dos que percorrem, para se instruir, os retiros dos Solitários, ali passasse, naquelas serranias!

As palmeiras do seu horto bastariam para sustentar dois ou três irmãos – e na sua caverna havia espaço para abrigar outros sonos...

Com uma esperança, sem razão, ficava então espreitando longas horas, debruçado do seu eirado; e ante os seus olhos, cravados na penumbra, fatigados de esperar, surgiam, então, imagens estranhas: – um canto de rua,

com flores pendentes de um terraço; um pátio, com uma mesa cheia de taças, de pedaços de gelo, abrigadas por um velário; uma cortina que se descerrava, deixava entrever uma mulher, derramando um perfume sobre os braços nus... Onofre estremeceu, como despertando, e reentrou na caverna, atribuindo aquelas visões à debilidade, aos longos jejuns. Ah! se ele pudesse um dia comer uma carne forte, beber um longo trago de vinho – mais longas podiam ser as suas orações, e na sua doçura salutar se desfaria toda a inquietação da sua alma.

E sempre que assim pensava, logo um prato de argila, cheio de ostras de Canópi, alvejava no chão, ao lado de uma vasilha de vinho, que espumava, ou um cheiro de anho assado e fumegando, se espalhava na treva. Era uma realidade, uma ilusão? Bem podia ser um dom milagroso do Senhor! Não alimentara Ele Elias no Deserto? Não fizera Ele brotar, aos pés de Pacômio, que a sede torturava, um ramo carregado de damascos? E uma noite, que ele viu, ao lado do seu leito de folhas, um pão muito fresco e muito branco, e uma taça larga de vinho onde flutuava gelo – não duvidou da Misericórdia do Senhor, e, rindo de gozo, estendeu a mão trêmula. Deu um grito: sentira o ardor de uma brasa! Era pois uma horrenda oferta do Demônio, e no Inferno se amassara aquele pão, no Inferno se vindimara aquele vinho! Se ele tivesse morrido nesse momento era a perdição irreparável! Agarrou o açoite – e, despindo a túnica furiosamente, açoitou a carne infectada de gula.

Mas logo os primeiros golpes, em lugar de o ferirem, lhe deram o incompreensível, estranho gosto de uma carícia. Era como se braços nus se colassem ao seu corpo nu. Arrojou de si o azorrague, num imenso terror: – e as negras tiras de couro tomaram, caídas sobre a rocha, a forma redonda e branca de braços cansados, que se estiram. Caiu de joelhos – e de joelhos, diante dele, estava uma figura, uma mulher, cujos olhos muito negros, cujos lábios muito escarlates, transpareciam através do véu que ela apertava contra o seio com os braços redondos, cheios de frescura e de aroma...

Então, longos dias, não comeu, não bebeu – e nunca foi mais dolorosa e furiosa a sua luta com o grande Inimigo. Torturado pela fome, torturado pela sede, a cada instante Onofre encontrava diante de si uma larga mesa, com uma resplandecente toalha de linho, coberta de todas as delícias da cozinha, do pomar e da adega, carnes que fumegavam com um aroma rico, legumes que, de tenros e bem cozidos, se desfaziam dentro do seu molho transparente, montes de frutas cuja polpa suculenta estalava de madura, frascos com vinho cor de ametista e cor de ouro, esfriando entre blocos de gelo que reluziam.

E a tentação era tão deliciosa e forte – que Onofre, diante, tremia todo, com uma espuma na boca ressequida, e grossas lágrimas rolando pelas barbas. Fugia: a mesa reaparecia tão rente do seu peito, que ele sentia a frescura da neve, o fumo da carne, e um aroma de pomar regado, e de flor de romãzeira, e

de flor de laranjeira. Dava um brusco empurrão àquelas delícias do Inferno: – as frutas esboroavam-se sobre os seus pés, rachando de maduras, os vinhos entornados faziam regatos cheirosos na areia.

Desesperado, torcia os braços, gritava pelo Senhor! “Socorro, meu Deus, socorro!”

Tudo desaparecia: – mas logo sobre ele pendiam grossos ramos, carregados de laranjas, de romãs, de cachos de moscatel, de damascos dourados – e do chão rebentava uma chama clara onde um anho, gordo e branco, alourava no espeto... Onofre espedaçava os ramos, Onofre espezinava o lume. “Socorro, meu Deus, socorro!” E ia cair, quase desmaiado, à porta da sua caverna, escondendo a face na areia quente, que bebia as suas lágrimas.

Um ano inteiro assim combateu – e todos os seus cabelos embranqueceram. Um dia, que ele recolhia exausto do seu trabalho, e se sentara numa rocha, à beira de água, encontrou de repente, no regaço, um pão pequenino, louro e tostado, quente ainda como saído do forno. Então o Solitário começou a rir serenamente. O quê? Tanto se esvaziara o Demônio que, depois de mesas mais ricamente cheias que as do Imperador, só lhe restava agora para o seduzir um pão miserável, de legionário! E com aquele riso, uma paz imensa entrou no seu coração. O Demônio, assim humilhado, abandonou o Deserto.

CAPÍTULO 5

Mas poucas luas tinham passado, quando, uma tarde, ao escurecer, voltando do mosteiro longínquo de Tebane onde fora buscar semente para semear, encontrou, sentado pensativamente numa pedra, um homem, um velho, com uma túnica severa de filósofo, e um bastão na mão, que se ergueu, o saudou, e começou a caminhar a seu lado, com respeito e calado.

Estranhando o seu silêncio, Onofre murmurou:

– Bem-vindo sejas, meu irmão em Jesus, filho de Deus Padre, que por nós padeceu!

O velho, sem levantar os olhos do chão, onde as suas sombras se estendiam longamente, disse com lentidão:

– Deus é um, e imaterial, e não podia ter filhos.

E como Onofre recuava, escandalizado, o outro, retendo-o pela manga, rompeu em palavras estranhas e magníficas. Se Jesus era filho de Deus, porque se chamara a si mesmo filho do Homem? Tudo nega, em cada uma das suas ações, e das suas palavras, a sua essência divina. Se ele era Deus, para que necessitava

o Batismo? Como poderia o Demônio tentar, pela oferta de um reino na Terra, aquele que ele sabia possuir, como Deus, os remos da Terra e do Céu? Quando a Madalena lhe tocou a túnica, ele exclamou: “Quem me tocou?” Logo não sabia: onde estava então a sua onisciência de Deus? Em Emaús, depois da ressurreição, Ele pede aos discípulos que lhe apalpem as chagas. Logo, mesmo depois de ressurreto, era um corpo material, susceptível de verter ainda sangue

Onofre dilatava os olhos, estupidamente. E então o homem, apontando com o báculo para o lado do Deserto, onde o Sol desaparecia, tornou:

– O meu caminho é para além... Mas a tua alma é digna de receber a Verdade.

Outros virão que ta ensinarão.

E outros vieram – uns solitariamente e em silêncio, surgindo de entre as rochas, que ressoavam sob os seus bastões ferrados, outros, em bando, através dos areais, como mestres marchando entre os seus discípulos. Era de noite e sob a Lua cheia. E por vezes o eirado, diante da cova de Onofre, ficava atulhado de uma multidão de homens, de longas barbas, soltas e entrançadas, envoltos em mantos negros, ou ostentando simarras de cores estridentes, todos mais pálidos que marfim, com olhos encovados que refulgiam, e agitando nas mãos inquietas grossos rolos de papiros, ou tabulários escritos. Ora um só, de pé, falava com abundância e cadência: ora todos, tumultuosamente, disputavam, mas sem se encararem, com os raios negros das pupilas ardentes cravados no Solitário. Encruzado à porta da sua caverna, com os longos dedos descarnados pousados sobre os ossos salientes dos joelhos, Onofre pasmava para aquelas facúndias sonoras.

Através delas, uns após outros, sem respirar, enchendo o deserto de ruído, aqueles homens (que eram decerto doutores) afirmavam princípios, cheios de irrisão ou mentira.

– O Deus de Israel era um anjo subalterno! Jesus não passava de uma simples continuação de Adão! O Mundo fora criado por um delírio do Senhor! Para vencer a carne era necessário contentá-la – e só pelo vício se atingia a perfeição! Há só uma alma, que está tanto nos homens como nas rochas! Só a matéria é eterna, e os deuses morrem. O Mundo foi concebido pelo Diabo! Jesus é filho de Achmaroth e a sua residência é o Sol! O Espírito Santo é uma mulher! Só Caim é verdadeiro!

E a cada uma destas revelações, lançadas com estridor, Onofre ora entreabria uma boca néscia, ora rompia num riso largo e límpido, que lhe sacudia as costelas sob o seu surrão de peles. Então, arremessados sobre ele, todos lhe brandiam junto da face os seus papiros, os seus tabulários. Eram as Provas!

Eram as Escrituras! Eis a Profecia de Maxila! Eis o Tratado de Apolônio! Eis o Tratado da Alma Adventa!...

– Compreendeste?

E o mais novo dos doutores, que tinha unia mitra oriental, suplicava Onofre, curvado sobre ele, com sofreguidão:

– Faz um esforço! Faz um esforço! Diz que percebes!

Silenciosamente, com um resto de riso que lhe faiscava nos olhinhos miúdos, Onofre encolhia os ombros, murmurava:

– Só creio no Padre, no Filho, no Espírito Santo!

Então um murmúrio de tédio, de indignação contra tanta simplicidade, corria entre os doutores subtis. Os mais violentos arremessavam-lhe injúrias. Outros, majestosamente, voltavam as costas largas, cobertas de largos mantos que roçagavam. E todos se sumiam por entre as rochas, em tumulto.

Mas, com o crepúsculo, voltavam – e Onofre lá estava sentado à entrada da sua cova, já risonho, como quem numa feira se prepara a gozar as artes divertidas dos mágicos.

E a grande lição recomeçava, ressoante e facunda. Cada dia surgia algum doutor novo, com um dogma novo. E sempre o riso do Solitário lhes respondia! Sempre a confissão da sua fé, cândida e simples, no Padre, no Filho e no Espírito Santo. Até que uma noite, em que a doura contenda se alongara, e a Lua já desmaiava – como Onofre, fatigado, apesar de terem sido mais profundas e sublimes as concepções dos doutores, começasse a bocejar, cerrando as pálpebras – um que tinha uma mitra bicórnea, onde lampejavam pedrarias, ergueu o braço, clamou subitamente:

– Deixai esse bruto!... Vinde!

E num grande silêncio, o bando dos doutores, todos hirtos e juntos, elevaram-se no ar, e fundiram-se, docemente, na claridade última da Lua. Já Onofre dormia.

Não voltaram: – mas foi então, no Solitário, como uma saudade daqueles homens, e daquelas vozes, que cada noite povoavam a sua solidão. E mais deserto lhe pareceu o Deserto. E às horas em que eles costumavam aparecer, como sombras que se desprendiam da sombra, e ele, depois do labor do longo dia, se encruzava no chão, preparado a gozar, como em recreio, as suas arengas sonoras como músicas de batalha – subia às penedias, aguçando os olhos, a espreitar se algum, ou todos, não voltariam, pelo caminho estreito, apanhando os mantos por causa dos tojos ásperos.

O caminho permanecia ermo, e não havia nem estrelas nem Lua: e vazio e largo lhe parecia o deserto, em redor – e dentro do seu coração.

Mas uma noite, que ele assim espreitava do cimo das rochas, pensou ouvir de repente o tinir lento e triste dos guizos de um dromedário. E tochas fumarentas bailaram na sombra.

Alvorçado, ele gritou, agitando os braços:

– Por aqui! Por aqui!

E imediatamente, com um rumor de armas em marcha surdiram em fila, do caminho estreito, soldados barbudos, com os escudos metidos em sacos; uma liteira emplumada, de panos de púrpura, que se balançava sobre os ombros de escravos; as insígnias de Roma; e dromedários com fardos e odres. Vozes bradavam entre o fagulhar das tochas:

– É aqui que vive o Santo Ermita?

O Solitário, espantado, balbuciou:

– Onofre, servo de Deus, aqui vive!

Então, de entre os panos franzidos da liteira, que estacara, um homem, togado de branco, e todo ele mais branco que um mármore, escorregou, pousou no chão os seus borzeguins de escarlata e ouro. Os contos das lanças ressoaram no chão, duas buzinas ásperas estrugiram, o dromedário ajoelhou. E o homem, arrepanhando as pregas da sua vasta toga, caminhou para o Solitário, com lentidão e majestade. Depois, na grande mudez do deserto e da noite, começou, direito, grave, como se arengasse num Senado:

– Onofre, a nomeada da tua pureza e das tuas penitências transpôs o Deserto, chegou a Roma. E eu venho em nome de Honório, César, três vezes Augusto, Invencível e Senhor do Mundo, e que te saúda!

E saudou. Um brado correu entre soldados e escravos:

– Glória a César, três vezes Augusto!

E, bruscamente, o homem togado abeirou-se do Solitário que recuava, intimidado, apertando contra o peito as mãos magras por sobre as longas barbas – e num murmúrio familiar e risonho continuou:

– Onofre, aqui está a coisa imperial e formidável de que se trata. Honório, atraído pela Verdade, quer conhecer a Lei Nova. Mas quem seria bastante puro, e inspirado do Céu, para lha ensinar? Só tu, amigo! Os doutores de Alexandria e da Palestina têm almas cheias de ambição e mentira. A tua é cândida! E, pela

pureza perfeita, tu atingiste a vontade perfeita. Em Roma viverás no palácio de César. E, quando César conhecer a Lei Cristã, convocará o Senado, e todo o Império será proclamado Cristão. Hem? Tu mesmo, por tua mão, fecharás as portas dos templos. E, sem mesmo despires esse surrão, em toda a tua simplicidade, oferecerás ao teu Deus Roma, as Legiões, as Províncias, e todo o Gênero Humano. Hem?

Debruçado, com os braços abertos, de onde pendiam os panos rubros do manto, ele parecia uma ave de rapina, coberta de sangue, e de asas já cerradas sob a presa fácil.

E, num bafo ardente, murmurava:

– Que ocasião, Onofre, que ocasião! O que não fez Paulo, nem Gregório, nem o grande Atanásio, nem o imenso Orígenes, tu o farás só com falar de manso e finamente junto à orelha de César! Bem sei! Não é o orgulho do esplêndido feito que te impele...

Decerto. Mas pensa! Todos os martírios findos, os ídolos cobertos de bolor, a terra cheia de cantares, e o Cordeiro no seu Redil. Hem?

Onofre tremia todo, deslumbrado. Balbuciou:

– E o Imperador?

– Quer! Pois se já, nos Idos de Março, uma noite, ele vos viu em sonhos, a ti e ao Outro – ao Outro com a sua coroa de espinhos, e as mãos ainda com os pregos, que te empurrava, para diante de César, e gritava, em grego: – *Este te ensinará o que convém saber!* E eras tu, tu com essa pele de cabra, essas barbas, e essa beleza clara e majestosa, que te comunica a virtude. Oh Onofre, a terra cansada é por ti que suspira! Vem.

E Onofre passou longamente as mãos pela face, sorrindo. E deu um passo, depois outro, com o pulso já preso na garra do homem de púrpura. E ia, como no esplendor de um sonho, todo feito de certeza!... César esperava por ele para confessar a fé! Por que não? O imperador Constâncio escrevera duas cartas a Antão, e as patrícias de Alexandria faziam a travessia do Deserto, para beijar os joelhos chagados de Pacômio.

E a sua vida não fora menos terrível que a desses Solitários magníficos! Não havia forma de dor que ele não tivesse atravessado: – e as suas lágrimas de penitência, juntas, podiam fazer um rio no Deserto! Mas, enfim, Deus elegia-o para o feito melhor dos tempos! E ele marchava, firme, sob o olhar contente do Céu! Todo o erro ia desaparecer da Terra; e desde o primeiro dia, ele persuadiria o imperador a exilar os heréticos para os confins das nações, onde começam as neves e os mares tenebrosos. Todos os templos seriam destruídos,

e queimados os livros dos filósofos que perpetuam o erro. Depois, reformaria as igrejas da Ásia. E, num grande concílio, a doutrina pura seria estabelecida, para sempre imutável. Então, começaria uma grande paz divina. Que obra! Que obra!

Ao lado do imperador, ele percorreria as províncias. Mas para si não queria honras, nem poder sobre as almas... Talvez, apenas, o governo dos mosteiros do Egito. E, junto da púrpura de César, os povos prostrados pasmariam do seu surrão de pele cheio ainda dos espinhos do tojo! Que obra! Que obra! Todo ele crescia – e parecia ver as estrelas de mais perto, como se fossem já a sua coroa imortal.

– Chegai a liteira! – clamava o homem purpurado. – E vós saudai o Mestre de César, o possuidor da Verdade!

Todos os ferros das lanças retiniram, as insígnias de Roma ondearam no ar, os escravos estavam rojados no pó. E o homem então, junto das barbas do ermita, murmurou, na abundância da sua vitória:

– Em Roma verás multidões mais prostradas! Todas as igrejas da Ásia porão o teu nome nas Escrituras! E bem o mereces! Porque o Outro, em Galileia, só converteu pecadores – e tu, persuadindo César e com ele o mundo, és maior, és maior! Vem!

Maior que o Senhor! Então, foi na alma de Onofre como um clarão que alumia um precipício! Sacudiu com um grito a mão do homem que o escaldava. E no seu olhar, reconheceu o lume do Inferno. Na sua angústia só pôde suspirar: “Oh Jesus! Oh Jesus!”

Subitamente, o grande manto de púrpura, mole e como vazio, abateu no chão e, ao longe, a liteira emplumada, o dorso do dromedário, as lanças em confusão, fugiam em debandada, e num rolo de fumo.

Onofre caiu de joelhos. Diante dele o manto enrodilhado fazia uma mancha vermelha. Palpou muito de leve com os dedos: – era sangue! Arrepiado, num terror infinito, recuou – e o sangue começou a rebrilhar, tão liso e vidrado, que ele avistou nele, como num espelho, a sua face. Não a vira desde que entrara no deserto – e recuou, espavorido, ante a fealdade com que ela lhe reaparecia, dura, esbraseada de orgulho, toda intumescida de Pecado.

Muito tempo, então, chorou amargamente! Oh miséria, oh dor! Em tantos anos de penitência e ermo, o seu coração não obtivera purificação – e permanecia coberto de uma crosta de maldade. Decerto mil noites de dura peleja ele rechaçara o Pai da Mentira! Mas esses eram os triunfos fáceis que os mesmos pagãos, sem o socorro de Jesus, alcançam sobre a Carne. Quando, porém, o grande Mentidor vem, e do cimo de uma rocha, como ao Senhor, lhe promete uma grande glória entre os homens, logo ele se deixa levar pela mão,

consentindo, com uma facilidade de prostituta. Oh alma miserável, há tanto fora do mundo, e ensopada ainda no orgulho do mundo, como uma esponja que saiu da água podre! Que penitência, e que exercício heróico de humildade havia aí, que pudesse espremer, até à última gota impura, aquela soberba que trasbordava, empestava todo o seu ser! Trinta anos se flagelara! Trinta anos se esfomeara! A sua oração subia para o Céu tão constantemente como o seu hálito. E arrastara correntes de ferro; velara meses, com os joelhos em pedras agudas, e os olhos risonhos postos nas claras estrelas, ou dormira embrulhado em cardos; dera a beber do seu sangue às vespas; esmagara os ossos debaixo de grossas pedras... E em vão!... Que podia então ainda fazer naquele ermo? Onde havia martírios mais dolorosos? Onde se aprendiam preces mais extáticas?... Onde?

Sentado, abatidamente, sobre os calcanhares, com a barba descendo em flocos entre os braços caídos, Onofre erguia os olhos arrasados de lágrimas, suplicando ao Céu um ditame.

Porventura aquela vida solitária seria estéril para o Bem?... Na verdade – entre aqueles areais e aquelas penedias, como exercer suficientemente a humildade, a caridade? Ele não tinha sequer ao seu lado um cão, para quem pudesse ser paternal. E se a humildade passava dentro da sua alma, sem que o mundo a testemunhasse, ou com ela aproveitasse – era fácil, e era vã. Que fazer? Deixar o ermo? Voltar para entre os homens?

Lentamente murmurou, no silêncio:

– Voltar para entre os homens!

E, ante os seus olhos, que se embebiavam nas estrelas, julgou vagamente entrever a forma de um homem: – estava sentado junto de um muro, quase nu, e gemia coberto de chagas! Depois o muro prolongou-se, e era um alpendre, onde outro homem, um escravo, muito velho, com o dorso vincado dos açoites, arquejava, fazendo mover a pesada mó de um lagar! Depois a mó do lagar separou-se em lajes, e era uma estrada onde seguiam, ligados por cangas, arrastando grossas algemas, bandos de cativos, que soldados impeliam com picadas das lanças. Depois as lanças ficavam cravadas no chão, e eram cruces, onde agonizavam, listrados de sangue, corpos que os abutres, voando em redor, batiam com as asas negras. E dos olhos de Onofre, que seguiam estas dores, as lágrimas caíam em fio, silenciosas e quentes.

A cada lágrima que assim caía, Onofre sentia no seu coração um alívio inesperado e novo.

– Muitas lágrimas chorara no ermo – mas nunca tão consoladoras! E todavia eram as memórias das Dores do Senhor, do seu doce corpo cheio de chagas, do

seu suor de aflição, e da sua queda, na áspera serra, sob o ultraje dos soldados e da cruz, que lhas fizeram derramar, em noites de piedoso cismar. Porque eram mais doces e pacificadoras estas, que lhe arrancavam as chagas, e os trabalhos, e os cativeiros, e os suplícios dos homens mortais? As lágrimas vertidas pelas dores humanas eram, pois, mais gratas ao Céu, que as lágrimas derramadas pelas dores divinas! Decerto, então, servir os homens no mundo, seria mais apreciável no Céu, do que servir a Jesus na solidão...

De pé, atirou os braços para as estrelas, e murmurou:

– Oh meu Senhor, ensina o teu servo, que sofre o tormento da incerteza!

Um desejo, bruscamente, entrou na sua alma – de ir ser bom e humilde no mundo.

Então, com a mão ainda toda trêmula, limpou as lágrimas. Alegrementemente, entrou na sua cova, apanhou o seu bordão, meteu no seio, sob o surrão de pele, a cruz preciosa, que fizera Antão, na cidadela do Alto Egito.

Depois subiu às rochas – envolveu num longo olhar o deserto, a horta, nunca acabada, que cultivara, as palmeiras benéficas que o tinham alimentado, o arbusto, que flor a flor lhe marcara os anos de penitência, o regato que fora a frescura do seu Deserto. E com um longo suspiro, tomando pelo rumo das estrelas o caminho do sul e do Grande Mar, Onofre voltou para entre os homens.

CAPÍTULO 6

O primeiro que encontrou junto a uma aldeia que aparecia num alto, toda escura, e de adobe, foi um velho, muito alquebrado, vergado sob um feixe de lenha, e conduzindo um jumento ruço, muito velho também, já manco, que carregava um saco de grão. E, um atrás do outro, o velho em farrapos, o jumento com chagas no lombo magro, iam arquejando, e mancando, por uma calçada íngreme, sob o sol e as moscas, entre piteiras poeirentas.

Humildemente, Onofre abeirou-se do velho e lembrou que, sendo mais forte, melhor conduziria pela subida a lenha e o grão. E, sem esperar o consentimento do velho, que mal compreendera, vago e senil – tomou sobre o ombro o molho de lenha, sobre o outro o saco de grão, e atrás do seu homem, e do seu jumento, assim aliviado de todo o fardo, foi marchando contente e cantando os louvores do Senhor.

O velho era o servo de uma viúva, pobre, entrevada – que só o tinha a ele, e àquele jumento, e uma horta mal tratada de poucas ervas. Onofre nessa tarde amassou a farinha, rachou a lenha, acarretou água do poço, cavou o talhão de

cebola, tirou os espinhos dos pés do servo, lavou as velhas chagas do burro, e junto do catre da viúva, que era cristã, para a consolar, contou a paixão do Senhor. E assim começou Onofre a sua obra entre os homens.

Mas bem depressa deixou a aldeia, que, rodeada de terras férteis, com poços abundantes, sob um ar muito doce, não abrigava, nos seus casebres, nem indigência, nem males. A simplicidade dessa vida não oferecia ação a um coração sedento de humildade.

A dois estádios, porém, da aldeia, havia a velha cidade de Bubastes, entre as águas Pelusíacas e o canal de Nécio, onde cada ano vinha de todo o Egito a festiva peregrinação ao velho templo de Ftás, então dedicado a Artemis Grega.

Bubastes era rica em obeliscos e termas. As suas muralhas formidáveis estavam cobertas de estátuas. E nas longas avenidas, ao comprido das águas, sob os sicômoros e as palmeiras, todo o dia as tabernas e as casas esguias das cortesãs ressoavam dos cantos e dos folgares pagãos.

O pretor romano era aí doce aos Cristãos; – mas a heresia dilacerava a Igreja já considerável e ativa, de que era bispo Alexandre, homem austero e rude, que guardara cabras na Galácia. Onofre foi habitar Bubastes. Como as suas longas barbas inspiravam respeito, e alguns fiéis o saudavam nas ruas, cortou as barbas – e trocou o seu surrão de Solitário por um saião de escravo. Ele logo, na verdade, se tornou o escravo dos pobres.

Junto ao muro, ricamente ornado de esculturas, que cercava o templo e os bosques sagrados, costumavam, desde o romper da alva, juntar-se doentes e mendigos. E aí, desde alva também, depois da noite velada em orações, Onofre trabalhava no serviço dos miseráveis, arranjando leitos de folhas para os velhos, lavando os trapos à beira do canal, cobrindo de fios as chagas, catando a vermina nos cabelos intonsos. Depois ia mendigar para os seus pobres, por toda a cidade, desde as casas mais ricas, onde os cães lhe ladravam, até às tabernas dos canais, ou às cubatas das prostitutas, de onde trazia sempre no saco algumas côdeas de pão, restos de peixe, ou uma maquia de lentilha: – e não duvidava mesmo entrar no templo de Artemis, ou, ao fim da larga avenida, no templo de Hermes, e esmolar dos deuses pagãos, pela mão dos seus sacerdotes, um pouco de óleo, para amaciar os membros doridos dos seus enfermos. Outras vezes alugava o seu pobre corpo descarnado aos mais duros serviços – e puxava à sirga os barcos nos canais, acarretava pedras para a reparação das muralhas, rachava na caserna romana a lenha da coorte: – e as moedas de cobre, que lhe atiravam à palma da mão, vinha trazê-las, correndo, a algum casebre onde conhecia crianças sem pão. De noite, com uma tocha, alumia os tresnoitados – ou impedia que os ébrios, saindo das tabernas dos canais, rolassem à água escura. Como recompensa, recebia ultrajes. Ele replicava com bênçãos.

E nunca como então gozara uma paz tão perfeita. No deserto, os seus rudes labores de enxada e rega, para combater a esterilidade das areias e concorrer para a realização da divina promessa, não lhe davam alegria: – e a fadiga com que deles saía, era inquieta e melancólica. Na oração, que aí perenemente enviava para o Céu, a sua alma não se desafogava, nem por ela obtinha do Céu o dom da apetecida misericórdia: – e havia apenas uma alma mais turva diante de um céu mais mudo. Agora, ao contrário, o cansaço naqueles longos dias de caridade era cheio, era feliz e repassado de doçura: – e a mais curta oração, balbuciada à pressa, fazia descer das alturas sobre o seu coração, como uma longa e vaga carícia que o refrescava deliciosamente. Mas o melhor bem logrado era a libertação do Demônio. Não voltara mais, o Pai das Imposturas, nas suas formas variáveis de sedução e terror: – e a terra toda estava para ele como limpa e vazia de Satanás, como um altar lavado de fresco.

Nas ruínas de um templo muito antigo, junto das muralhas, e onde escolhera, para se abrigar, o túmulo de um faraó, sob a terra, havia, pintadas e entalhadas sobre o resto dos muros, figuras execrandas: – e era um lugar temido dos cristãos, porque de noite todas essas imagens se despegavam da pedra, reviviam, e celebravam, sob a lividez da Lua, ritos abomináveis. Mas, para ele, só houvera naquelas ruínas solidão e sossego: – e até mesmo, desde que as habitava, na estação das chuvas, tinham nascido nas fendas das pedras flores silvestres, que se alargavam, trepavam, e punham em redor dele, e das suas longas orações, um perfume casto e grave de capela em festa.

Mas, ao fim de um ano que ali vivia, aquele terreno foi escolhido pelo pretor para a edificação de uma larga cisterna; Onofre, desalojado, dormia então nos currais: – e se os servos o repeliam, ia estender-se contente entre o lixo das ruas. Tão descarnado se lhe tornara o corpo, que as crianças, brincando na rua, nos bairros pobres, lhe chamavam o *Pai da Morte*. Muitas vezes lhe atiravam pedras ou lama. Ele parava, sorrindo, a receber aqueles ultrajes como carícias.

Uma noite que Onofre orava, sob as árvores do canal, passou sobre a cidade, no céu, de oriente para ocidente, uma grande tocha fumarenta. As sentinelas, sobre as muralhas, soltavam sons de buzina, como num alarme: e nos terraços das casas surgiam figuras espantadas, que batiam desesperadamente na face, para conjurar o presságio.

Logo no outro dia, rompeu um incêndio no bairro remoto e miserável, onde viviam os embalsamadores de cadáveres – e em breve foi por todo o casario, até ao templo de Hermes, uma imensa labareda. Onofre correu para as chamas com a multidão que acudia, no terror de que fossem consumidos os corpos de parentes, de amigos, confiados aos embalsamadores.

Já uma fila de escravos, de cidadãos, misturados, se formara pela rua até aos canais, para o carroto da água. Onofre, repelindo o balde de couro, que

soldados distribuíam, penetrou nas chamas, onde os gritos eram mais dolorosos. Em breve reapareceu logo, com fagulhas no pêlo da túnica, trazendo um velho às costas: – e remergulhou seis vezes no braseiro tumultuoso, trazendo através das traves abrasadas, dos tetos que abatiam, crianças, uma mulher aleijada, outro velho, até mesmo um anho, que lhe balava entre os braços. Todo o cabelo lhe ficara crestado das queimaduras; das pernas ficou para sempre coxeando.

Depois do seu espanto, o povo acusou do incêndio os judeus e os cristãos. Os mais pobres, que não pagavam ao templo de Artemis um tributo secreto, para evitar as perseguições, foram carregados de algemas, arremessados aos ergástulos; Onofre, que por miserável não fora perseguido, percorreu as prisões consolando os irmãos, ajoelhando através das grades: – e na manhã em que eles foram açoitados defronte dos pórticos da Basílica, ele, meio nu, em face aos flageladores, não cessou de cantar hinos, vergastando o seu corpo miserável, e ainda cheio de queimaduras, com disciplinas de ferro.

Impelidos pelo velho gramático Flaco, alguns mais furiosos assaltavam com pedras Onofre, que injuriava a majestade da Lei. E decerto ia ser lapidado e martirizado, junto a uma casa em obras, onde se refugiara – quando uma grande chuva, tempestuosa e brusca, dispersou a turba praguejadora. Foi a água do céu que lavou as feridas de Onofre.

A Assembleia dos Fiéis era junto ao Mercado do Peixe, num terceiro andar de uma casa velha, ao fundo de um terraço de onde não passavam os catecúmenos, ainda não iniciados no Mistério dos Sacramentos, ou que estavam cumprindo penitência por culpas confessadas em segredo ao bispo. Para além da porta santa, guardada pelo porteiro, encruzado no chão, com os tabulários que continham o rol dos fiéis, só havia uma sala vasta, nua, mal caiada, onde ardiam doze lâmpadas. Na sexta-feira que se seguiu à flagelação dos Irmãos, quando Onofre, como sempre descalço, com o rolo da Escritura metido no seio da túnica, aí penetrou e se colocou, humildemente, num canto

– todos o saudaram, com o cântico que se deve aos mártires. Um diácono correu, murmurando: *Sanctum! Sanctum!* para o conduzir junto da mesa coberta de linho branco, que servia de ara: – e até o bispo Alexandre se ergueu, apoiado ao báculo, para o beijar nas duas faces. Onofre permanecia mudo, assustado com a veneração e os louvores. E apenas, findas as preces, os Irmãos trocaram o ósculo ritual, ele correu, cosido com os muros, como um culpado, até ao templo de Artemis, para junto dos seus mendigos e dos seus estropiados – e deliciosamente reentrou na sua humildade.

Mas a fama da caridade de Onofre era já grande entre os Irmãos: – e uma diácona, senhora de muitas terras e de muitos gados, a quem a velhice, a

doença, impedia os exercícios santos, chamou Onofre a sua casa, e apontando para um cofre de cedro, disse:

“Aqueles bens eram para os pobres, e para os pobres tos entrego... Leva, tira, até que eu depressa fique pobre também”. Onofre, com a voracidade de um avaro, mergulhou as mãos no cofre – e abalou, rindo, deslumbrado, com as pregas do saião pesadas de ouro.

Foi então, por Bubastes, o grande bodo dos miseráveis. Logo à alvorada estava no Mercado, atulhando de provisões, de legumes uma carriola, a que ele se atrelava como um animal, e que arrastava pelos bairros mais pobres, deixando em cada morada o bendito pão de cada dia. Às viúvas dava dinheiro, beijando-lhes a orla da túnica. Vestia todas as crianças. E comprara mesmo um campo, onde andava erguendo um barracão para abrigar todas as velhices e todas as enfermidades.

Não cuidava só dos corpos, mas também das almas – a ponto de empregar três copistas, pobres e que inclinavam para a fé, em preparar cópias das Santas Escrituras, que ele distribuía aos mesteirais à hora da sesta, aos que descansavam sob os plátanos no pátio das Termas, e mesmo aos viandantes que chegavam, com fardos, pela porta Pelúsica. Àqueles a quem saciava a fome, contava sempre, docemente, do Reino de Deus, onde todas as fomes são saciadas: – e aos que nessa cidade de César eram, por condição, os mais *ínfimos*, afiançava no céu, naquele céu azul e tão sereno que os cobria, uma outra cidade, verdadeira e eterna, a cidade de Deus, onde eles seriam os *supremos*, e teriam mais alegria que nunca tiveram ricos senadores, abundantes em escravos e terras.

Mas aos gentílicos, oferecia a Verdade, de leve, e sem intransigência – porque o homem, por mais sedento, repele com cólera a água que mãos brutais e autoritárias lhe queiram introduzir por entre os lábios ressequidos. Não injuriava os deuses, nem os ritos. E o seu ensino era todo para o coração, contando a Vida do Senhor, e a sua humildade, e as suas visitas aos casais e aos lugares, e a sua morte, tão triste como a de um pobre escravo. Jesus só queria que os homens se amassem uns aos outros! Para ele tanto vale um oleiro como um procônsul, e no seu Reino não haverá nem escravos, nem tormentos. Para que ele se alegrasse, o rico devia partilhar com o pobre. Que era a vida, aqui, senão uma caminhada breve e trabalhosa que vai de rua a rua? Mas a vida além, no Céu, ao seu lado, era a verdadeira, e nela os que trabalharam repousarão, os que padeceram folgarão, e os que obedeceram mandarão. E se fordes bons – dizia – vós que de alvorada à noite trabalhais, tereis glória, e sereis imortais, e bebereis o vinho do Senhor: – e talvez o mesmo não suceda a César!

Assim ele ensinava nas ruas pobres, à hora em que os escravos despegam do trabalho, sentado a uma porta amiga, com crianças sobre os joelhos. E quando Onofre, beijando os homens na face, ou na mão, humildemente, tomava o seu cajado e se afastava – sempre algum dos que escutavam, obreiro, escravo, ou mesmo homem livre e senhor de bens, o seguia, e lhe ia puxar, a uma esquina, pela ponta da túnica rota, e muito baixo perguntava: “Onofre, como se faz para pertencer a esse Deus, que é tão bom?” Mesmo um dia, Simeão, um avaro, corraera atrás dele, apertando uma bolsa, e balbuciara, com a inquietação de uma alma tentada fortemente: “Onofre, quanto se paga, para se ser acolhido por esse teu Deus?” Onofre rira, com um sincero e grande riso. Mas Simeão, desde então, deu largas esmolas.

Esta santa popularidade, que o trazia por vezes seguido de gente, pelas ruas – suscitou, todavia, desconfiança entre os diáconos, zelosos da autoridade espiritual. E os judeus mais velhos da Assembleia viam com cólera que ele distribuía as esmolas de Petronila fora dos bairros dos judeus, e mesmo entre obreiros pagãos. Então, na Assembleia, surdiram murmúrios – e Onofre foi acusado de receber esmolas das cortesãs, de aceitar óleos medicinais dos arúspices, de frequentar os pagãos e mesmo de tender para as doutrinas de Marcos, o Herético.

O bispo Alexandre chamou o velho à casa pobre em que vivia, e onde fabricava esteiras para viver do seu trabalho, e asperamente censurou a sua humanidade indiscreta. Onofre beijou, chorando, a orla da túnica de Alexandre; – e desde esse dia, não transpôs mais a porta da Assembleia, ficando fora, no terraço, entre os penitentes, com a cabeça sobre as lajes, que ele regava de lágrimas, como na expiação de um sombrio pecado. Por esse tempo, a velha Petronila morreu, e os seus herdeiros, avidamente, invadiram a casa, com escribas do Pretório, que selavam as arcas, arrolavam os bens. Secara a larga fonte de caridade, que através dele refrescara tanta miséria! E os seus Irmãos em Jesus não o amavam! Onofre tinha então setenta anos.

Começou então pela cidade a mendigar para os seus pobres. Pensou mesmo em se vender como escravo – e ser apreendido, no bazar, com a cabeça rapada, um rótulo no peito, e os pés pintados de branco. Mas que valia aquele seu pobre corpo, descarnado e vergado, com as mãos todas trêmulas? Cinquenta dracmas? E amarrado a uma servidão, não poderia velar pelos velhos, pelos enfermos, que dependiam da sua caridade. Ele conhecia agora todas as misérias da cidade – e o seu amor crescia cada instante por aqueles miseráveis, que já não podia socorrer, e de quem, um por um, sabia as fomes, as chagas, as dores e a solidão. De noite, aflito, nos terrenos vagos, nas ruínas, para onde ia orar, erguia os braços para o Céu mudo, gritava: “Socorro, meu Senhor, socorro!”

Mas como o socorro não descia do Céu, cada manhã ele recomeçava desesperadamente, pela cidade, as suas súplicas lamentáveis, com uma velha

panela atada ao pescoço por duas cordas, as mãos sempre estendidas. Assim estacionava nas praças, ou onde os canais se cruzavam, gritando: “Pão para os pobres! Pão para os pobres!”

Era então a estação das grandes chuvas: —e aquele velho, imóvel sob as grossas cordas de água, com os cabelos brancos empastados nas covas da face, e puxando a pobre túnica colada aos ossos que lhe tremiam, causava piedade: as esmolas caíam ressoando na panela de barro. Por isso Onofre temia os céus alegres e o ar doce, que aligeirando as almas, as desviavam da compaixão...

Por vezes, passavam longos dias sem que tivesse alcançado esmola, ou um trabalho, por mais vil, que lhe desse um salário. E então ia pelos caminhos, chorando no silêncio da noite. Chorava pelas fomes que não podia fartar, por todos os males que não podia sarar. A sua miséria própria, a sua nudez, a sua fome, eram as únicas consolações — porque ao menos o tornavam igual, pela miséria, àqueles que amava. Esse amor infinito e insondável, era tudo o que podia dar aos pobres, seus irmãos. Mas ele saía do seu coração tão intenso e ardente, que Onofre, por vezes, pensava que poderia, mesmo de longe, e invisível, consolar e dar esperanças, como o Sol, centro de calor, aquece e faz reviver. Quantas vezes ele alargava os braços na solidão, com um desejo desesperado de poder apertar neles, contra o seu seio, todos os que sofrem — e com eles morrer, deixar este mundo impiedoso. Atormentava então o Céu com orações ansiosas.

Com os olhos postos nas alturas, a mão estendida como se visse Deus de perto, e lhe falasse, revelava, lembrava a Deus, como a um pai distraído, certas misérias em certas moradas: — e murmurava: “Meu Senhor, Senhor do meu coração, há na Rua das Lojas uma pobre viúva com três filhinhos, sem amparo, sem pão; volta para lá os teus olhos piedosos!” E esperava com os braços estendidos a esmola de Deus — até que os braços lhe caíam cansados, e cansadas lhe caíam as lágrimas.

CAPÍTULO 7

Onofre, através das lágrimas que o turvavam, recordava aquele casebre pintado às listas pretas, aquelas crianças quase fluas, de grandes olhos famintos. Já ali decerto trouxera consolação e pão... E ajoelhando, arredou devagar os panos da face do homem, que jazia inanimado. Então reconheceu um pobre chamado Ozias, escravo de um homem cruel, um empreiteiro de obras. Oh pobre Ozias! Desde longos meses tinha aquela mulher, doente e definhando, e mal podia, com o salário da servidão, ter pão bastante para os seus três filhinhos, arrolados já como escravos. Quem o ganharia agora, aos três desgraçadinhos, o pão incerto? Oh dor! oh dor! E então, nesse instante, o pobre homem abriu

lentamente os olhos, de onde duas lágrimas correram, pesadas, e lentamente murmurou num sopro débil, de infinda dor:

– Ai! os meus filhos.., os meus pobres filhinhos!

Então Onofre, desesperadamente, todo a tremer, atirou para o Céu:

– Oh Deus misericordioso! Oh Jesus, meu Senhor! pelas tuas chagas, e por todas as minhas orações, dá-me a vida deste homem!

Os seus joelhos bateram o chão. E tremendo, tremendo todo, com os ralos cabelos eriçados de terror divino, Onofre arrebatou contra si o corpo inanimado, ergueu-o, e recuou!

Um brado ressoou de pavor e prodígio. O homem estava de pé, com um sangue novo na face, retesando fortemente os braços brancos, reverdecidos – e são! Milagre! milagre! Todas as mulheres se arremessaram para dentro do casebre, gritando, numa ânsia de palpar, sentir a pele refeita e quente daqueles braços de milagre. O soldado barbudo da Legião Germânica fugira, espavorido.

Ora uma tarde, ao anoitecer, depois de um dia estéril em que nada recolhera para os pobres, nem achara trabalho, por mais vil, que lhe desse salário, errando assim junto das muralhas, perdido nestas dores, e a chamar por Deus – ouviu de repente, ao fundo de uma viela, um pranto dolorido e agudo, como é o dos funerais. Correu, numa grande compaixão. À porta de um casebre de adobe, onde ainda ardia o lume pobre da ceia, estava estirado um homem, com a face escondida num pano, e os dois braços nus e moles, cobertos de sangue negro. De joelhos, diante dele, uma mulher, esguedelhada, gritava, com longos ais magoados e lentos. Três criancinhas juntas abriam grandes olhos aterrados. Outras mulheres, dos casebres vizinhos, apinhadas em roda, batiam na face, soltando também longos ais! E os camaradas, que o tinham trazido, contavam ainda a um soldado barbudo e louro, da Legião Germânica, que acordara aos gritos – como uma grande pedra, caindo de um guindaste, nas obras das muralhas, esmigalhara os dois braços ao miserável, e o abatera como morto.

E Ozias, como tonto, com lágrimas que lhe corriam sobre o riso da face, abandonava os braços, repelia as mulheres, experimentava a força recuperada agarrando os filhos, considerava com espanto os músculos refeitos, balbuciava e gritava:

– Estou são! Estou são!

Com o grande rumor, já vizinhos abriam os loquetes das portas, erguiam ao alto lâmpadas de barro. E o clamor erguido pelos dois camaradas de Ozias, engrossava, rolava:

– Milagre! Prodígio! Foi Onofre! Vinde ver!...

Mas Onofre desaparecera! Como levado por um vento largo, sem sentir os passos trôpegos, atravessara a Praça dos Obeliscos, transpusera a muralha derrocada, e caminhava junto ao rio, sob o silêncio das estrelas.

E ia num deslumbramento! Por vezes estacava, alargava os braços, murmurava:

“Fiz um milagre! Fiz um milagre!” Onofre, o mais humilde e rude servo do Senhor na Igreja de Bubastes, fizera um milagre! E não desses tão fáceis, e nascidos da ilusão, como os sabem fazer os discípulos de Simão, o Mágico! Mas um milagre profundo, que tornara a Morte em Vida, como só os tinham feito os homens apostólicos, depois do Senhor. Por quê? Por que lhe era concedido um tão divino poder?

Decerto ele fora abundante em obras! Longos anos gemera no Deserto, longos anos servira com humildade os homens. Mas Alexandre vivera no ermo, confessara a fé nos tormentos, ganhara almas inumeráveis para o Senhor, era Bispo e era Santo – e todavia nunca fizera um milagre! E Palemo, abade de Tebane, e Panúcio, abade de Antínoo, que governavam comunidades na Tebaida, e recebiam de noite, de Jesus, a suma da Regra Monástica, não faziam milagres! Porque o escolhera o Senhor a ele – escravo que mendigava entre os escravos? Sem dúvida porque a sua vida, as suas longas penitências, a sua oração, tinham, mais que as de nenhum outro, em cidade ou ermo, satisfeito o Senhor!

Ele, pois, realizara a obra sublime de contentar Deus – e tão bem limpara a sua vontade de toda a culpa, e tão transparente e brilhante de pureza a tornara, que Deus, desde já, lhe confiava, na Terra, um poder transcendente... Mas então – era um Santo!

Preso ainda com a cinta vil da carne, a sua alma já recebera do Senhor a sua santificação. Brevemente libertado da carne, e da sua miséria, ascenderia fácil e naturalmente àquele céu, salpicado de estrelas. Entre esses divinos lumes habitaria, enterrando os pés nus no azul macio, vendo a face do Senhor sorrir, no resplendor inefável. Da terra subiriam para ele, Onofre, longos rolos de orações: – e os restos da sua argila mortal, os seus ossos, receberiam também a veneração dos homens, guardados em sacrários – entre lâmpadas e flores. Oh maravilha!

Mas aquele poder do Milagre seria perdurável, constante, enquanto vivesse?

Poderia ele agora, com segurança, curar *todas* as feridas, e sanar *todas* as misérias?

E uma inquietação apertava o coração de Onofre. Se aquele milagre tivesse sido isolado e único! Se amanhã, ante uma verdadeira e profunda dor, semelhante à de Maria, irmã de Lázaro, ele se encontrasse de novo impotente para desfazer, como antes da sua penitência no Deserto? Fora ele, pela sua vontade, que curara os braços esmagados de Ozias – ou fora a vontade de Deus que operara, passando apenas através da sua alma, como o sol através de um vidro? Se experimentasse?... Se experimentasse ali mesmo, sob o testemunho das estrelas? Além, o rio alagara hortas humildes, empobrecera colonos. Se ele marchasse para o rio, lhe gritasse: “Volta ao teu leito, abandona esses campos que assolas!?”

E já caminhava para a água, espalhada em largas poças, que reluziam, como discos de aço. Mais longe, a inundação invadira casais – de que se viam os colmos, ou os terraços de adobe, quase esboroados, e as pontas dos tamarindos, que outrora delimitavam os campos. Um grande sulco de Lua tremia na água imóvel: – e havia uma longa mudez de abandono e ruína.

Onofre olhou em silêncio, apoiado ao seu bordão. Longe, uma fila branca de cegonhas dormia, rente da água, coberta de nenúfares. Se, à sua intimação, aquelas águas recolhessem ao seu leito, deixando enxutos os casais, e mais adubadas as leiras – certo estava então estabelecido o seu poder sobre as coisas. E na ansiedade de uma certeza, ergueu devagar o braço, bradou, arrepiado de emoção e temor:

– Rio, recolhe ao teu leito!

A água toda tremeu. As poças que rebrilhavam, bruscamente se sumiram, deixando um limo grosso e rico: – e além os casebres, os tamarindos, os papiros, emergiam lentamente da água, pingando, e reluzindo à Lua. O rio obedecera a Onofre – e um frêmito corria sobre a terra e o ar, como o de um terror submisso ante uma pre-sença divina.

Então uma alegria sobre-humana trasbordou no coração de Onofre! Era dele, era dele, e permanente, o Dom do Milagre! Oh! quanto bem faria aos homens! E, no seu deslumbramento, corria através dos campos, com os braços abertos, como para acolher, estreitar, o Universo sofredor. Onde havia aí agora chaga que ele não sarasse? Onde havia mãe debulhada em lágrimas, sobre um esquife, a quem ele não restituísse o filho?

Escravo que ele não remisse? Terra estéril de onde não fizesse brotar a lentilha e o vinho? – “Oh meus irmãos, meus irmãos, não receeis mais, Onofre pode, e está convosco!”

Ah! como Deus o amava! Mas também que obras! Cinquenta anos ele padecera pelos homens. Por cada dia de fome que ele arrostarta no Deserto, o Senhor

dava-lhe agora o poder de saciar a fome de um lar. E porque ele se abaixara a tanta humildade, ascendia agora a tanto poder! Um poder insondável e magnífico, que descia até aos remos escuros da Morte! César não tinha mais poder. Com os seus prefeitos, os seus lictores, e legiões mais bastas que as aves do ar, e máquinas de guerra rolando através da terra, César seria impotente para deter uma gota de água, caindo de uma nuvem. E ele, Onofre, escravo de escravos, só com estender o braço, recuava as correntes do Nilo, o grande rio que desce do Paraíso... Se ele era mais poderoso que César – deveria, pela manifestação desse poder transcendente, forçar César a reconhecer a Verdade!

Nem Paulo, nem Marcos, nem Barnabé, tinham suficientemente deslumbrado os gentílicos! Intimações, orações nos *Forum*, epístolas arguciosas – que importavam? Os pagãos tinham uru saber sólido, e retóricos mais facundos. Só pelo Milagre se poderia triunfalmente provar Jesus! Pois bem: ele, Onofre, iria a Roma! Se as ondas cruéis assaltassem a proa da sua galera, amansaria as ondas: – e espalharia os prodígios, ao comprido da estrada que o levasse à cidade! Nos átrios de César, ante aquela face que assusta e enche de sombra o mundo, ele diria com simplicidade: “Adora o Senhor!” E quebraria, como galhos secos, as espadas que se erguessem contra o seu peito! Com um sopro derrubaria os ídolos do bronze mais eterno! E se contra ele se erguessem, no Pretório, filósofos ou gramáticos – ele imediatamente lhes secaria as línguas impuras nas bocas impuras, ou os faria ladrar como cães contra a Lua. Roma tremeria toda sob os seus prodígios, como uma cabana ao vento. E quando César, vencido, rojando a púrpura no pó do seu átrio, lhe perguntasse: “Que queres?” – ele diria então com simplicidade: “O mundo, para o restituir a Deus!” E a Deus daria, com efeito, as cidades, os homens. Por que não? Em verdade, ele seria César!

E com a face erguida, no seu imenso sonho de orgulho, Onofre riu largamente.

Era César!

Então, larga e áspera, uma outra risada soou por trás dele na solidão. Num terror, Onofre olhou em redor, ansiosamente. “Quem ri?” exclamou. Aqui, além, através do ar tão sereno e repassado de luz, a risada áspera e lenta, saltava, estalava. E já os joelhos de Onofre, tremendo, desciam para a terra – quando longos dedos moles o repuxaram, e uma voz acudiu, mais dura e seca que o rolar de calhaus:

– Oh Onofre! Oh César que tudo podes! Olha o rio! Olha o rio! Do alto do teu orgulho, oh meu irmão, olha o rio!...

Diante de Onofre, até às colinas, até aos muros derrocados de Bubastes, o Nilo subira, mais largo, mais devastador. A Lua brilhava sobre as águas. As cegonhas fugiam, no silêncio. E uma onda fria, que marulhava encrespada, batia já aos pés do velho. Tentou recuar, mas todo se sentiu enlaçado naqueles dedos moles,

que se alongavam, se enroscavam, como serpentes frias em ramos de árvore. Então compreendeu: – o seu milagre fora uma ilusão do Demônio! Um longo grito rompeu da sua alma: “Jesus!” E caiu por terra, coberto de um suor tão frio, que ele pensou ser a água que o devorava.

Quando se ergueu – com tantas, tão densas lágrimas, que mal podia, através da sua névoa, achar o bordão a que se arrimava – foi para considerar o pecado insondável em que se despenhara. Como outrora, na sua cova do Ermo, caíra pelo Orgulho! Na sua alma tão bem defendida, o orgulho abrira à traição uma fenda – e por ela entrara todo o Inferno. Oh miséria incomparável! Tão longos e ardentes anos trabalhara para limpar a sua alma, que a julgava toda transparente, e branca, e rebrilhante, como uma água muito pura num cristal muito polido. Não suspeitava, que, escondido no fundo, ainda restava um pouco de lodo primitivo – e eis que o Demônio a invade, e nela se debate furiosamente, e agita o lodo fundamental, e a torna tão turva e fétida como um charco espezinhado e fossado por um bando de porcos. Oh miséria, oh dor! Como ele toda essa noite, sob o testemunho dos lumes divinos, ofendera audazmente o Senhor! E de que modos afrontosos e diversos ele o ofendera – tomando como uma força da sua virtude o que era apenas uma graça caída da misericórdia de Deus! Longe de se regozijar com o pobre pedreiro, e com ele ficar, em humildade, louvando o Senhor – correria para longe, a saciar-se voluptuosamente, na solidão, de sonhos ardentes de soberba e glória. E em vez de aproveitar aquele prodígio, tão doce e tão humano, para o derramamento da Verdade entre os gentílicos, só sofregamente o considerara como proveito da sua ambição transcendente. Oh quanto ofendera o Senhor! Num momento estragara uma longa vida de penitência – e todo se tornara de novo, da cabeça à sola dos pés, uma crosta fétida de pecado. Onde havia na terra monstro bastante imundo, para ser congênere do seu corpo, e da alma imunda que dentro dele apodrecia? E agora, tão velho, como poderia ainda, através da penitência, alcançar a purificação! A morte já se avizinhava, e a alma que tinha para restituir a Deus, estava coberta toda da lepra do mal.

E sem tempo para a limpar, pela oração e pela humildade – era o Inferno, o Inferno iniludível! Oh miséria!

Seguro com aquela infinita paz, em que deliciosamente se movia, como no inefável ar do Paraíso – ele esquecera o Demônio. Mas, pacientemente, o Inimigo do homem rondava em torno dele, sutil e mudo, como um vento de pestilência. E ele respirava tão profundamente esse vento pestilento, que cada um dos seus pensamentos fora então como uma chaga que supura. Com os pés enterrados na lama, ele considerava o Céu como já seu, ousando pensar que era um Santo! E entre aquelas estrelas marcara o seu lugar de beatitude! Horrendamente desvanecido, calculava, como um conquistador que conta as suas coroas triunfais, as lâmpadas e as flores, e as oferendas, que cercariam o

altar onde pousassem os seus ossos! E, certo da divinização, ante-gostara as orações, que por ele se elevariam da terra! E como se lhe não bastasse no Céu a beatitude, apeteceu desde já, na Terra, o Império. Sonhara com Roma – e queria César, vencido e humilde, oferecendo-lhe o mundo como um fruto maduro. Sete vezes insensato! Que, enquanto assim medrava horrendamente em soberba, e se divinizava em Terra e Céu, o Demônio estava em torno dele, e dentro dele, ocupando, saturando cada recanto do seu ser, como a água faz a uma esponja.

Que lhe restava? Só a penitência – só a penitência, feita na solidão, longe, muito longe de todas as suspeitas dos homens, para que nunca ela pudesse ser estragada pelos louvores humanos. Longe, muito longe dos homens – porque toda a virtude que entre eles se manifesta, logo que lhes arranca uma admiração, é mais cheia de perigos que um aroma muito sensual, ou um canto muito amoroso. A mais humilde esmola, a chaga de um mendigo que se lava, uma simples consolação, desde que se mencionem, são perigos terríveis para a alma, porque a persuadem da sua caridade e excelência. Pelo bem que semeamos nos outros, só colhemos dentro em nós orgulho – e cada obra da nossa caridade desmancha a obra da nossa humildade.

Só lhe restava procurar uma cova bem funda – e, aí, tão profundamente humilhar a sua alma, que ela, só pelos olhos de Deus, pudesse ser diferenciada do lodo ou das imundícies.

CAPÍTULO 8

Toda a verdura findara e só havia agora terra seca – a planície arenosa, coberta de um rubor matutino, estendendo-se às montanhas líbicas, que pareciam de um mármore fino e cor-de-rosa. Onofre avançava, orando, gemendo, com a longa barba a arrastar. A espaços, parava, não para repousar, mas para descobrir na areia os sulcos que os seus joelhos pesadamente cavavam – e sentir bem, nesse rasto de fera, a imensidade da sua abjeção. E se avistava seixos aguçados ou uma pedra áspera, por sobre elas se empurrava, para abater, pela dor da carne débil, a rebelião da alma soberba. Já a sede o devorava, e bebia, com avidez e gosto, as lágrimas grossas que lhe arrancavam as saudades dos seus anos de paz e pureza.

O dia ia em meio: todo o deserto refulgia, lívido, de uma horrível secura. As montanhas, ao longe, na tremura do ar quente, eram amarelas – e só havia, em toda a extensão, silêncio, solidão e sol.

Onofre avançava, arquejando, com a língua seca e pendente. Um poço de caravana, marcado ao longe por um círculo de pedras e dois tamarindos negros, surgia como uma tentação: – mas o penitente afastou a face, mais

ansiosamente rastejou, fugindo daquela água, decerto turva e lodosa como de uma voluptuosidade mortal. E não cessava de orar. Quando encontrava ossadas de animais, esparsas no pó, erguia os olhos embaciados às alturas, murmurava: “Meu Deus, faz que os meus ossos vis, assim também branquejem perdidos!”

Assim Onofre gemia sob o esplendor das estrelas. Quando a madrugada já clareava, apanhou o seu bordão, e marchou para os lados do deserto líbico. Quando já as palmeiras apareciam mais raras e espaçadas, e nas areias, rosadas pelo sol, apenas aqui e além rebrilhava alguma derradeira poça da água do Nilo, ele avistou um chacal, que rastejava entre pedras procurando o covil – e considerou quanto se assemelhava àquele animal imundo, que fugia da luz e dos homens. Só na verdade os diferenciava, não a alma porque a dele se bestializara pelo Pecado – mas o corpo, que nele caminhava erguido, com a face para o céu, à maneira do homem mais justo, e na fera pousava sobre as quatro patas, com o focinho baixo, como mal despegado ainda da argila original de onde nascera. Então, para mais completamente se humilhar, e nada reter da humanidade superior, que não merecia, decidiu igualizar o seu corpo ao do bruto – e penetrar de rastos na Penitência e no Deserto. Arrojou o bordão, despiu o saio de lã, atirou as mãos sobre a areia, e começou a caminhar de rojo, lentamente, entre a erva já rara e amarelada, como uma alimária ferida. também branquejem perdidos!”

As angústias da fome, que o assaltavam, foram para ele como bem-vindas – e ofertou essas dores ao Senhor como lhe ofertara a da sede. O destroço do seu corpo era tão grande, que cada pousar da mão esfolada na areia ardente lhe arrancava um gemido: – e já por momentos se abatia, estirado, inerte, como morto, sob a dardejação crua do Sol. E era então nele um terror angustioso da morte, que lhe abreviaria os tormentos, e lhe impediria o resgate.

A refulgência do deserto esmorecia, e um lento véu anilado revestia a cordilheira líbica. Era o descer da tarde – e com ela descia sobre Onofre uma sonolência, fria e funda, como um desmaio.

Para a sacudir tentava cantar hinos santos: – mas a sua pobre boca, ressequida e rígida, como de greda, só lançava sons roucos, que se perdiam entre gemidos. E marchar, já não podia, porque os seus joelhos eram duas chagas, onde se empastavam areia e sangue. Rasgou um pedaço da túnica, para os embrulhar: – e como o Sol se escondera e ao longe, um monte de pedra, uma magra palmeira, indicavam outro poço, para lá se arrastou, receando tombar num estado de inanição, que lhe encurtasse a penitência. A água do charco era negra e lodosa: – mas sobre essa pedra havia uns restos de farinha e de fava crua, desses que as caravanas deixam para as divindades do deserto. Comeu enfim, bebeu enfim! Lavou as feridas – e mesmo deixou que os olhos se lhe cerrassem,

mas, de pé, apoiado ao gume de um penedo, para que o sono fosse doloroso e breve. Despertou aos uivos tristes dos chacais. Todo o céu se enchera de estrelas: – e Onofre pousando na terra dura as mãos em chagas, recomeçou a avançar no deserto. Tão radiantes e largos eram os astros, que a ilimitada areia alvejava sob a muda palpação, com a lividez de um sudário: – e então grossas formas, terríveis pela sua bestialidade, vieram aterrar o coração cansado do penitente. Ora era um vasto macaco, de dorso arqueado, que sobre as quatro mãos caminhava ao lado dele, como ele, e quando ele gemia, gemia e quando ele orava, guinchava. Ora era um licorne, que vinha do fundo do ermo a galope, e estava diante de Onofre, com o seu corno enristado entre os olhos, refulgindo intoleravelmente. Depois eram disformes morcegos quase tapando o céu, que se abatiam com um voo mudo e mole, e o cobriam com as suas asas, que tinham o calor de uma carne nua. E Onofre ia caminhando no ermo, rodeado de monstros.

Para os espantar, o desgraçado gritava o nome de Jesus – e eles recrudesciam, inumeráveis e silenciosos. Não eram, pois, Demônios?

E Onofre deixou cair o corpo, como esmagado sob tanta cólera do Céu.

Imediatamente, todas as formas medonhas, os dorsos, os focinhos, as asas frementes, se abateram, se estenderam como um pano fúnebre sobre o areal. E só houve um silêncio sob o grande céu estrelado.

Onofre cerrara os olhos, inanimado. E através de um descanso que o envolvia, doce como o da noite, entrevia a distância, batido por um sol de madrugada, um bosquezinho de palmeiras e sicômoros, que era o da morada em que nascera. Um fio de água descia de um tanque de pedra, cantando entre os linhos verdes. Os íbis pousavam na borda do terraço. Para além alvejavam os propileus, cobertos de relevos, do templo de Serápis. O velho escravo, que lhe ensinara as letras, lá estava no seu costumado assento de pedra, envolto nos panos brancos, todo rapado, cheio das rugas do saber, e imóvel, com as mãos longas, de cera, pousadas sobre os joelhos magros, meditando a eternidade.

Homens graves, com a túnica branca dos cristãos, que se preparavam para atravessar o Deserto, em peregrinação às ermidas da Tebaida, esperavam sob a ramada de vinha, com os seus embrulhos no chão, e por cima o cajado. O velho escravo núbio Amés, carregava com lentidão os odres de água sobre os dromedários – e cantava um antigo canto da Núbia. Mais doce e triste era o canto, nos seus ais prolongados, que as ramas das palmeiras na sua cadência!... E ele, Onofre, lá estava também, curioso, pasmando para os homens que iam assim tão longe visitar Antão, e Pacômio, e Paulo, e os Santos magníficos que habitavam sepulcros...

Um enternecimento infinito penetrou Onofre – e estendeu ansiosamente os braços para aquelas imagens, tão antigas e doces. Oh! se ele recuperasse a simplicidade desses tempos, naquele bosquezinho de mimosas... As lágrimas brotaram quentes e densas dos seus olhos cerrados – e através da névoa deles, arvoredos e casas, e o dromedário, e o velho núbio, com a sua tanga, branca, tudo se confundiu e desvaneceu.

Então naquele imenso deserto, que o cercava, sentiu mais profundamente o seu abandono, e a sua miséria. Deus, seu socorro e força no ermo da sua antiga penitência, para sempre agora se retirara da sua alma. E era solitário, desamparado do Céu, tão velho, cheio de chagas, e deixando o seu sangue em rastos pelas areias, que ele tinha de afrontar as solidões, os transe, as necessidades, e os Demônios. Que importa? Devia caminhar, e padecer.

E de novo recomeçou a rastejar, balbuciando louvores ao Senhor. Todas as estrelas se tinham apagado. Das formas monstruosas que há pouco o cercavam, nenhuma se destacava, ou movia na escuridão ilimitada. Apenas restava a mudez, a treva, e a solidão infinita. E sob aquele vasto céu negro, por sobre aquele imenso deserto negro – Onofre lá seguia, única forma viva, negra também, de rastos como um bicho, todo ferido, todo sangrento, gemendo com longos gemidos, que se perdiam na treva. E não cessava de avançar, nem de gemer. Sempre para diante, pousando na areia as mãos roídas e gastas, arrastando na areia os ossos descarnados dos joelhos – e chorando, e gritando: “Senhor, tem piedade! Senhor! tem piedade!”

Mas já a alma ia perdendo o domínio sobre o corpo: – e era só o seu desejo que caminhava para além, para as montanhas, porque a cada instante os braços se lhe estiravam pelo chão, moles e inertes, e entre eles a cabeça, coberta de suor regelado, ficava rolando na areia, na tontura de uma agonia. Tentava então, desesperado, arquejando, solevar aquela carne miserável que o traía. E não podia, não podia! Só lhe restava acabar ali, naquela areia, sem alcançar o resgate encetado do seu pecado. E com a face voltada para o céu, para o céu negro, sem uma luz, que lhe fosse como uma esperança, esperou a Morte. Mas a Morte não vinha. Ante os seus olhos, embaciados e lívidos, como que surgia uma claridade. Era como uma névoa, vaga e rosada – e através, vinha de longe, tristemente, o tanger lento de uma sineta em marcha.

Subitamente sentiu rumores, vozes. E entreabrindo as pálpebras, distinguiu faces escuras e ardentes, que se debruçavam sobre ele, um cavaleiro com uma lança, e longos pescoços de dromedários, carregados de fardos. Uma cabaça foi posta contra os seus lábios, e bebeu dela, avidamente. Já havia mãos fortes que o erguiam – e sobre os seus joelhos feridos caía deliciosamente um fio de óleo muito fresco. E já de pé, entre os braços que o amparavam, Onofre desmaiou, docemente.

Mas, através do seu desmaio, ele sentiu que o içavam para cima de um dromedário, onde ficara como um fardo, estendido entre fardos. Houve brados. E a sineta recomeçou tilintando lentamente, em cadência – enquanto ele, embalado pelos passos do dromedário, que já por vezes chapinara água, recaía naquele desmaio tão doce, em que todas as misérias da sua vida adormeciam, como dores que se calmam num banho.

CAPÍTULO 9

Era uma caravana, que trazia gomas da Cirenaica, que assim o recolhera por compaixão da sua velhice, e do sangue que lhe corria das feridas. E quando Onofre reabriu lentamente os olhos, a manhã clara enchia o céu, um cheiro de verdura tenra errava no ar macio, e os íbis esvoaçavam pelos ramos das mimosas. O seu dromedário ajoelhara – e os mesmos homens de faces queimadas e ardentes o ergueram, e levaram para um pobre casebre, com um vergel, onde mulheres, sob uma palmeira, pisavam, cantando, o grão de centeio. Turbas correram, um velho acudiu, com o seu balde de rega – e estirado sobre um montão de folhas secas de papiros, dentro do casebre, Onofre sentiu ainda, através de um rumor de piedade, que lhe limpavam as faces, lhe deitavam sobre as feridas um óleo salutar. Depois readormeceu.

Ao declinar da tarde, quando acordou, o velho estava diante dele numa contemplação grave, sentado com as mãos pousadas sobre os joelhos, como uma estátua de escriba. E as duas filhas esperavam, agachadas sobre esteiras de cores, com lentilhas numa malga, e um púcaro de água do Nilo. Onofre comeu e depois ergueu a custo o corpo do leito de folhas, para retomar o caminho do Deserto. Mas, por humildade e exemplo, contou a sua história, a sua penitência, os seus pecados, e como caíra exausto no grande areal, sob a cólera do Senhor.

Então de repente o velho, erguendo as mãos espalmadas, gritou:

– Oh homem cheio de anos e de virtude, tu és daqueles que sabem as palavras novas que consolam! Fica entre nós, come do nosso pão, e ensina as nossas almas.

E Onofre, espantado, soube que, havia tempos, ali tinham vivido dois monges, que todos amavam pela sua caridade, pela sua ciência das ervas que curam, a sua arte em expulsar os Demônios, e ainda pelas doces festas com que celebravam o rejuvenescer da Primavera.

Mas um dia tinham partido para um mosteiro, no Alto Egito – e desde então toda a aldeia os lamentava, e lamentava as doces histórias que contavam do Menino nascido no curral, e de um reino no Céu em que todos comeriam de

frutas divinas, e da cruz de escravo, em que a Vítima tomara sobre si todos os pecados humanos.

Assim, oh! alegria! Onofre, fora trazido para entre almas quase irmãs! Nos olhos negros das duas raparigas, que se erguiam para ele, brilhava um calor de fé. E o velho, alargando os braços, murmurava ainda com ardor:

– Oh homem justo, que sabes a natureza dos deuses, e as coisas que estão para além da vida, fica na nossa morada, come do nosso pão!

No coração de Onofre ia um grande alvoroço. Fora por acaso, por determinação do Senhor que ele viera, trazido do fundo do ermo, para que sob o seu ensino a Verdade, já em botão, de todo florescesse naquelas almas simples? Então o Senhor convertia, a privação da sua penitência, na glória de um apostolado! Por quê? A noite de agonia, de onde vinha, fora bastante resgatadora, para que sobre ele descesse já a misericórdia do Céu?... Não lhe competia a ele, servo do Senhor, penetrar os motivos de seu Amo. Para entre aquelas almas, onde já se enterrara a boa semente, fora ele trazido – e só lhe cumpria trabalhar como bom lavrador, no campo precioso que Deus lhe confiava. E humildemente murmurou:

– Pois que de mim necessitais, entre vós ficarei.

E ficou – escolhendo logo para morar um alpendre, aberto a todos os ventos, em que o velho recolhia os seus búfalos. Em breve, por todas as choupanas, se espalhou que outro monge chegara à aldeia – que sabia também as histórias divinas do Menino que nascera na Síria, e de seu Pai que acolhia os servos mais humildes, num Céu todo cheio de cantos e de abundância. De todos os casais logo as mulheres acudiam, trazendo a Onofre presentes de frutas, e bolos de mel, e linho tecido. De joelhos, diante do seu alpendre, Onofre orava, com os braços abertos, a face voltada para o Céu: – e todos pasmados para aquela velhice tão macerada, para as longas barbas brancas que no chão rojavam, erguiam também como ele, mudamente, para o Céu, os olhos cheios de uma esperança nova. O que contemplava ele assim, no Céu radiante? Quais eram essas orações que ele sabia, e como se falava a esse Deus tão bom, e tão amigo dos pobres? E quando Onofre recomeçava a contar do Senhor, e dos seus grandes ensinamentos de caridade, e de bondade, e de amor, um doce murmúrio de contentamento corria entre os simples, como de famintos que são saciados. Uma lenta adoração inconsciente e ainda gentílica, começava a envolver Onofre, saída ardentemente daqueles corações simples – que não diferenciavam bem o Deus Novo do velho Solitário que o revelava. Quando ele atravessava os bosques, ou os atalhos entre os campos – a gente prostrava-se ante ele, com uma reverência misturada de medo: as mães traziam os filhos, nus e coroados de flores, como quando os votavam aos antigos altares, para que Onofre lhes desse a Boa Sorte: – e os casaleiros vinham puxar pela ponta da sua túnica,

mostrando, com o olhar suplicante, os campos que desejavam que ele fecundasse.

Um surdo temor, então, invadiu Onofre – porque, naquela reverência pela sua virtude, ele só via perigos para a sua humildade. Quando lhe traziam doentes para que ele os sarasse, ou mulheres possuídas de um Demônio para que ele as purificasse – já Onofre recuava aterrado, batia no peito, gritava: “Mas eu não sei! não posso! Quem sou eu? O mais vil dos pecadores. Pedi a Deus, orai a Deus”. Mas a dor daquelas almas crédulas ante as suas súplicas desatendidas, dilacerava o coração de Onofre. E não era menor o tormento da sua dúvida. Se ele possuía na verdade, por graça do Senhor, o dom de sarar a carne doente, calmar as almas, quanta era a sua crueldade em não suprimir essas aflições? Mas também no exercício do milagre, quantas pavorosas tentações do orgulho! E cada dia este tormento se alargava. Aquelas mães desgrenhadas, que lhe gritavam entre soluços: “Tem piedade do meu pobre filho!” Aqueles velhos aleijados, que do chão onde os retinha o mal, estendiam os braços para ele, com ansiedade, murmurando: “Ah se tu quisesses!” E ele, forçado pelo terror de Deus, e dos riscos que corria a sua alma – forçado a não ter piedade, e forçado a não querer!

Mas não comprometia ele também, com aquela dura inércia, o derramamento da Fé, e da Lei do Senhor? Não findariam, aquelas gentes simples, por se desprender de um Deus que eles viam tão desatento e alheio às suas misérias? Já quando ele ensinava o Deus Novo, nas faces, em redor, havia desconfiança e desdém. Nas suas longas orações, então, pedia ao Céu uma inspiração. Mas do Céu emudecido, e fechado para ele, nenhuma inspiração descia sobre o seu espírito angustiado. Redobrava as penitências, torturava com o cilício o seu pobre esqueleto, alongava os duros jejuns, clamava por Deus do fundo da sua incerteza. E Deus permanecia impenetrável. Com esta dor da sua alma, ele ia ficando mais macerado, mais abatido, mais velho, do que com trinta anos de trabalhos no Deserto. Já quase não se sustentava direito: e caminhava tão trêmulo, apoiado ao seu bordão, que um pouco de vento o poderia derrubar. A sua consolação seria que aquele povo o ultrajasse pela sua crueldade, a sua resistência a fazer o bem supremo. Oh! se o amaldiçoassem! Se o apedrejassem! Cada pedra, que o ferisse, a ofertaria ele ao Senhor, como uma evidência da sua humildade. Mas, doce e tímida, aquela gente só se lamentava, como os que são abandonados. E sem sacudir a esperança, voltavam, insistiam em suplicar a sua intervenção onipotente.

CAPÍTULO 10

Um dia uma filha do velho que o recolhera, não acordou – e ficou branca e imóvel no seu catre, como se a alma, durante o sono, a tivesse para sempre deixado. Diante dele, de joelhos, o velho suplicava e chorava:

– Tu podes tudo. Sabes as artes. És amado de Deus! Os outros monges curavam, dispunham da vida. Salva, salva a minha filha do meu coração!

E, cheio de lágrimas também, Onofre sentiu a certeza de que se tocasse com as mãos na face da pobre rapariga, ela se ergueria curada, e sorrindo. E já estendia as mãos – quando, bruscamente, no seu espírito, passou, como o clarão do Inferno, o orgulho do seu poder.

Então recuou, aterrado, a tremer.

O velho, de rojos, beijava os pés de Onofre.

–Sê bom! sê bom!

Mas Onofre via o Inferno – e fugiu, fugiu, soluçando, arrepelando as barbas, num desespero infinito... Fugiu do casebre, fugiu da aldeia. Duas vezes caiu, tão trôpego e débil. E ia atirando sempre os passos trêmulos para longe dos homens e do seu perigo, para a solidão inviolável, onde não estivessem os homens, e estivesse a Morte. Todo o dia assim se arrastou. E o Sol descia num céu de ouro, quando os seus olhos, cansados, e mal seguros através das lágrimas, avistaram arvoredos, e casais, outra aldeia, na orla dos areais. Onofre tinha fome e tinha sede: – e querendo só forças para continuar o sofrimento, arrastou os passos para uma cabana mais isolada, feita de adobe e canas, apoiada contra um longo muro, um antigo resto de muralha. Uma rapariga, que voltava da fonte, pousara à porta da cabana, sobre uma pedra, o seu cântaro de barro; e vendo aquele velho, de imensas barbas, em farrapos, que avançava tropegamente na poeira do caminho arrimado ao seu bordão, ficou como à espera dele, com uma piedade nos seus largos olhos negros. Onofre estendeu a mão para uma esmola. Ela entrou na cabana onde uma criança chorava lentamente, num choro cansado, doente.

Quando voltou com um pedaço de pão duro e velho, já Onofre se abatera, de fadiga, sobre o chão, com a cabeça encostada ao muro, os olhos tristemente perdidos no céu, naquele céu, para onde em vão a sua alma aspirava. Os íbis esvoaçavam, recolhendo aos ninhos. Longos raios de ouro pálido passavam através das palmeiras, e longe, do lado do rio, vinha o mugir lento dos búfalos. Onofre comeu o pão da esmola; – e a boa rapariga inclinou, para a sua pobre boca ressequida e poeirenta, a borda do cântaro, murmurando: “Que esta água alegre o teu coração!”

Ele bebeu, louvando o Senhor, que manda a água aos que têm sede: – depois apanhou o seu bordão, e, ajudado pela boa rapariga, de novo se ergueu, com um suspiro tão doloroso, que os dois belos olhos negros se umedeceram.

E seguia – quando à porta da cabana uma mulher, pálida e magra, apareceu, trazendo ao colo uma criancinha que um farrapo embrulhava. E Onofre parou,

tomado de uma infinita piedade por aquele pobre pequenino, todo encolhido nos braços da mãe, com a facezinha caída contra o seu ombro, como uma flor tenra, quebrada pela haste, e já morta. Grossas crostas, de feridas arroxeadas, cobriam a sua miserável cabeça, onde todo o cabelo se despegava; a orelha era uma chaga; um trapo manchado de sangue seco cobria um dos seus olhos, recaía ainda sobre o outro, amortecido, toldado de lágrimas; uma pele lívida e mole recobria os seus ombros; e o seu gemer não cessava, lento e cansado.

Com tanta dor e ternura o considerava Onofre, que a pobre mãe contou como aquele mal lhe viera, quando ele chegara aos dois anos, e ela ficara viúva, e a miséria se abatera sobre o seu casebre. Com o filho nos braços, mendigando o seu pão, ela percorrera os templos, onde os males se curam, escutara os conselhos dos que vêm de longe e conhecem as ervas salutares. Mas o mal de seu filho, nem homens nem deuses lho tinham curado. Tão pobre era que nem um pouco de leite alcançava para o consolar:

– e sempre com ele nos braços, adormecendo o seu sofrer, e sobre ele chorando, como podia trabalhar? A caridade dos vizinhos, pobres também, já se cansava. E em ninguém tinha esperança. Em ninguém tinha esperança:

Onofre murmurou:

– Jesus foi pequenino, e sofreu!

E então uma Voz, lenta e triste, mas em que havia a certeza e o orgulho de uma Força, murmurou dentro dele: “Ah! se tu quisesses, Onofre!...”

Todo ele tremeu. Se quisesse! Era outra vez o Inimigo incansável que lhe soprava na alma o calor do Pecado. Sim! se ele quisesse – aquelas feridas secariam, e aquele gemer findaria, e o pobre corpinho, como um galho seco, reverdeceria, cheio de seiva nova. E logo nele, para sua perdição, se desencadearia o orgulho do seu Poder! Não, não! Ele bem sentia o Inimigo, tentando penetrar nele pela porta da sua piedade entreaberta. E sempre a sua perdição estava onde estivesse a humanidade! Só no ermo havia segurança. Murmurou uma bênção à mãe desgraçada, e ia partir, desesperado.

Mas a criancinha gemeu – ele parou ainda com um longo suspiro. Oh doce inocentinho, que toda a longa noite ia assim gemer tão dolorido, talvez com fome!... E ninguém o curava. E não tinha ninguém! Os lábios de Onofre tremiam.

– Oh meu pobre menino, meu pobre menino! – exclamou.

Então a criancinha ergueu a cabeça devagar, e com um gemido maior, um *ai* tão triste, levou a tremer a mãozinha magra ao seu pobre olho coberto de trapos.

Uma violenta, desesperada piedade invadiu o coração de Onofre. Arrojou o cajado, gritou:

– Pois bem, que importa! Que a minha alma se abisme no orgulho e no mal!

E com a face que flamejava, os cabelos eriçados de terror divino, arrebatou a criança, levantou-a toda para o Céu. E diante da mãe espavorida, Onofre bradava:

– Meu Deus, dá-me o meu salário. Setenta anos te servi. Por ti sofri todos os tormentos do Deserto! E, sem descanso, sem um queixume, sem um pedido, trabalhei na tua obra. Dá-me o salário que me deves! Que esta criancinha me sare aqui entre as mãos – e estou pago. Depois, se quiseres, abandona a minha alma!

Os seus braços trêmulos, sem força, deixaram cair a criança – que a mãe agarrou, apertou sofregamente. Mas, oh prodígio! estava sã! Secas todas as feridas da face!

Redivivos e límpidos os olhos, que num momento se alargavam e sorriam! Fresca, e cheia, e rosada por um sangue novo, a criancinha, que o mal chupara, colhida agora nos braços da mãe, já adormecera num longo, doce, infinito e profundo repouso.

Com ele assim no colo tão quieto, tão são, ela, na grande alegria do prodígio, nem se movia, sufocada: – e dos seus lábios trêmulos, só fugira por fim um grito abafado de inquietação:

– E para sempre? E para sempre?!

Mas Onofre já desaparecera.

Deslumbrado, espavorido, corria tropeçando, ao longo da velha muralha, com os cabelos ao vento, as mãos ao céu.

Furiosamente, na sua alma, se erguera logo a certeza da sua santidade. E debalde ele queria recalcar, sufocar aquela afirmação do orgulho, que nele se desenroscava como uma serpente acordada e faminta. “Não! Não era tanto. Fora Deus, só Deus que fizera o prodígio. Só ele devia ser louvado, na sua Misericórdia sublime!

Mas vozes confusas, violentas, silvavam, cantavam nas profundidades do seu ser:

“Foste tu! Deus só escuta aqueles que ama. Tu és o amado de Deus. A manifestação do seu amor é a concessão da Bem-aventurança. O Céu é teu. Em

ti reside a virtude celeste! Toca com as tuas mãos um galho seco e ele reverdecerá!”

Estava, pois, plenamente invadido pelo irremediável Orgulho. Só aniquilando o seu espírito, ele poderia destruir o Mal que nele habitava. Toda a mortificação da carne era inútil – porque sempre aquela luz de Inteligência, que dentro dele tremia, seria feita de fogo do Inferno. Estava perdido! Estava perdido!

Caiu com a face no chão, junto às muralhas que o Sol poente cobria de cor-de-rosa, e ali ficou, para sempre, e para morrer. Aquela alma perversa, que ele trazia em si como uma fera indomável, estava destinada aos tormentos sempiternos. Pois bem! que neles se aprofundasse depressa – porque, quanto mais errasse sobre a Terra, mais afrontaria o Senhor. Adeus, pois, oh Vida! Quão estéril, e inútil lhe fora, pois que lhe não servira para vencer a Morte!

E com a face no pó, os braços estendidos no pó, colando-se a todo aquele pó, em que queria abismar o seu ser, soluçava:

– Vida inútil, vida estéril!...

Mas, então, pensou naquela criancinha que, agora, dormia, sã, livre de toda a dor, e tão docemente nos braços de sua mãe. Inútil a sua vida? Não. Ele descia aos abismos arrastado pelo orgulho – mas, ao menos, no mundo ficava, por obra dele, esse pobre pequenino, que já não sofria, nem levava, gemendo, a mãozinha à sua pobre face cheia de chagas!

Então, uma Voz muito doce, murmurou sobre ele:

– Onofre!

O velho ergueu a face lentamente, depois o corpo trêmulo, e começou a caminhar.

Mas os seus passos tremiam tanto, que se encostou ao velho muro que ele mal via já, sob a névoa de lágrimas, e no desmaio, que lho velava.

Assim se arrastou um momento, tremendo, gemendo.

Mas, doce e cheia de carinho, a Voz ao seu lado murmurou:

– Onofre!

Então Onofre voltou a face – e avistou uma forma que resplandecia toda, de brancura, na solidão do crepúsculo. Mudo, já todo frio, deu para ela um lento passo – e desfaleceu, caiu sobre o seio de Jesus Cristo, Nosso Senhor, que o apertou docemente nos braços, e o levou consigo para o Céu, no esplendor de ouro da tarde.